

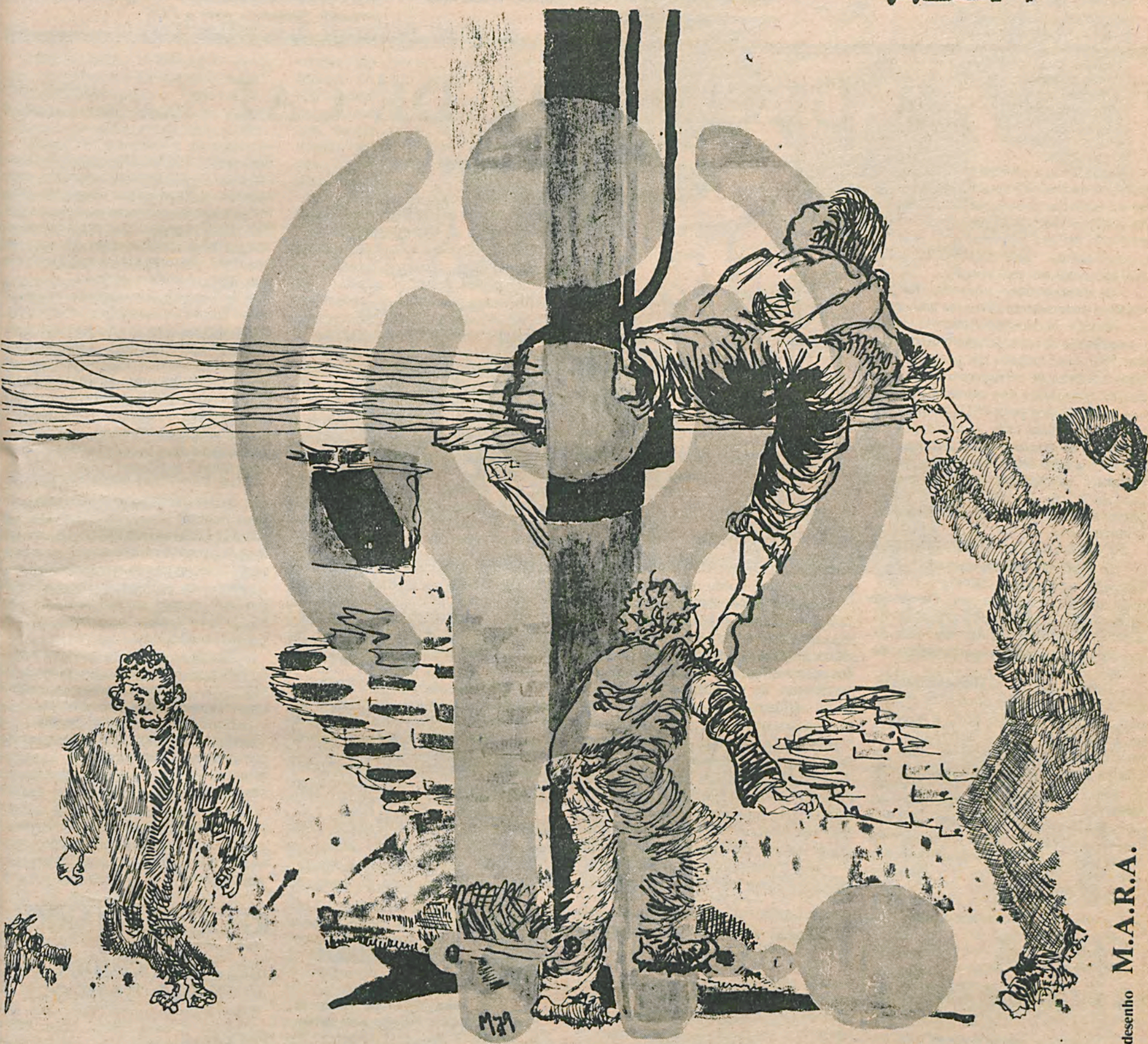
PORANDUBAS

"porá' duba; pergunta, notícia"

24



Boletim Interno da PUC-São Paulo. Ano III OUTUBRO Sala de Comunicação



desenho M.A.R.A.

MENOR: DESAFIO À DIGNIDADE NACIONAL (Pág. 3)

PORANDUBAS sai do Sério.
(pág. 11)

Pirâmide Salarial
(Pág. 9)

Estudantes em Eleição Direta
(Pág. 8)

EDITORIAL

**CARNAVAL
E
NATAL**

A PUC é atravessada por numerosas correntes, de idéias, de atitudes. No momento, interessam-nos 3 delas. A primeira corrente é mais atenta às regras do jogo: nelas consegue denunciar autoritarismo, privilégios e pinça reais benefícios para a comunidade. Este grupo corre o risco de burocratizar, de perder o sentido das massas e de aplicar sua sensibilidade aguçada em filigranas formais, como a avaliação precisa de atitudes distraídas de alunos, a distinção dos subgrupos em qualquer movimento.

Outra corrente se esbalda no campo festivo. Educação mesmo é o atual clima primaveril, o papo do bar, a partida de pingue-pongue. São dispensáveis as horas diante de um livro morto ou participando das aulas "daquela chata que conhece o assunto — não nego — mas saberá, algo mais?!

Existe ainda um terceiro grupo, muitas vezes disperso e que se desconhece, engajado junto ao povo, à periferia. Faz verdadeiro trabalho de vanguarda de Universidade. Contudo, o freqüente desconhecimento mútuo e o isolamento pelo ambiente acadêmico fazem da presença desse grupo uma incômoda coincidência geográfica mais que integração universitária. Estranhamente, sua existência serve para aliviar a consciência da PUC como um todo diante do necessário engajamento pelo marginalizado a vários níveis.

A revisão do estatuto que ora se inicia não é coisa de burocratas. É preciso que a utopia da festa, o sofrimento nacional, a denúncia da falta de autonomia e de representatividade sejam os ingredientes que nos permitam fundar de novo a PUC.

POSIÇÃO

A ÚLTIMA PÁ DE CAL (Deputado Flávio Bierrenbach)

A estrutura pluripartidária característica do Brasil Republicano, substituiu no bipartidarismo, apesar da edição do AI-2 de 1966. Dizia-se que dos dois partidos, um era o partido do "SIM" e o outro era do "SIM SENHOR", tal o artificialismo da sua criação.

Os dois partidos, contudo, abraçavam um conjunto de distintas alianças. No Partido do Governo sobreviveram o populismo descompromissado do velho PSP e de setores do antigo PTB. Nele também se refugiaram quase todos os donatários das sesmarias políticas manipulados pelo PSD, tradicional partido pendular cuja vocação governamental se manteve antes e depois do golpe. Permaneceu intata ainda, toda a estrutura oligárquica e plutocrática, característica da UDN, partido das elites e posto a serviço de interesses minoritários.

MODERADOS e AUTÊNTICOS

Já o MDB é um aglomerado forçosamente heterogêneo devido à exiguidade de opções existentes. Desde 66 este partido é constituído por quadros marcados pelo inconformismo com os rumos tomados após o golpe militar de 1964.

Desde logo foi inevitável a divisão do MDB, entre duas correntes principais identificadas pelo povo e imprensa como moderados e autênticos. Os autênticos comprometem-se com as causas populares e com a necessidade de alterações profundas na estrutura socio-econômica do País. Os moderados, ainda que formando em determinadas ocasiões um bloco monolítico na aparência, são oposicionistas mais por interesse eleitoral do que por autêntica vocação democrática.



RUBENS

RECRIADO E REDEFINIDO pelo povo que nele votou macicamente sobretudo nos estados mais industrializados por entender que a oposição legal é representativa de um conjunto de idéias aptas a se contrapor aos demandas antinacionais do autoritarismo vigente além de ser uma alternativa de poder válida nas atuais circunstâncias.

SEM CHÃO SOB OS PÉS

O crescimento da oposição contribuiu para retirar do sistema de Poder o pouco de legitimidade que lhe restava. O golpe de 64 jamais teve apoio dos estudantes, operários ou intelectuais. Sua base foram os vários setores de classe média, da Igreja Católica e das

Nas 3 últimas eleições e principalmente a partir de 1974, o MDB foi

burguesias nacionais ou internacionais. Decorridos os primeiros 10 anos da nova ordem, o regime constatou a partir da eleição de 74 que já não tinha a sustentação da classe média nem da Igreja nem de setores importantes geradores de opinião pública.

O crescimento da idéia oposicionista quebrou até mesmo a unidade das Forças Armadas. Prova disto é que em todos os municípios onde estão sediadas grandes unidades militares, a oposição tem vencido eleições desde 1974.

ILUMINADOS DO PLANALTO

Impunha-se portanto frear o crescimento da oposição sob pena da completa descaracterização do regime como defensor de interesses nacionais. Por isso, os teóricos do governo, os

iluminados do Planalto, para recuperar algo da legitimidade perdida, conceberam o fim do bipartidarismo. Desta forma, o fracionamento da oposição lhes devolveria a capacidade de manobra no plano parlamentar e tirania do processo eleitoral caráter plebiscitário que teve nos últimos anos.

A luta pela manutenção do MDB como frente de oposições esbarrou nas contradições internas do partido, agravadas por aliciamentos. Exemplo mais expressivo desse aliciamento ocorre em São Paulo onde inúmeros parlamentares do MDB assumem nos últimos meses posições incompatíveis com o programa e objetivo do partido. Tal atitude lhes justificou a pecha de "adesistas".

QUE PARTIDO PRECISAMOS?

A luta oposicionista hoje não pode mais resumir-se no ESTADO DE DIREITO DEMOCRÁTICO. Deverá ela ter um conteúdo sócio-econômico marcante incorporando os trabalhadores ao processo político, protegendo nos nossos recursos naturais e nossa economia ameaçados pela predação de grupo econômico.

Impõe-se portanto a manutenção da aliança política, característica do MDB dos últimos 4 anos: a aliança entre as esquerdas e os liberais.

Impõe-se um novo partido que viabilize esta aliança, sem personalismos, democrático em sua estrutura interna, aberto à participação das bases. Sobretudo, impõe-se um partido apto a interpretar a realidade brasileira que, sendo o canal de participação política das massas, possa converter-se a médio prazo numa alternativa de poder.

ÓTICA LEONARDO
VAI FAZER ÓCULOS?
Aviamos sua receita médica com rapidez e perfeição.
DESCONTO DE 20% PARA O PESSOAL DA PUC
Av. Antártica 437 (pertinho do Palmeiras)
Fone: 864-6864

Criança só tem uma infância. Valorize-a.
"BRINQUEDOS EDUCATIVOS" TIJOLINHO
Rua Cardoso de Almeida, 316 - Fone: 62.9080.

RAMOS CABELEIREIRO MASCULINO
Cortes Modernos: Adultos e Crianças
Limpeza de pele, manicure, engraxate
De segunda a sábado das- 8,30 às 20 hs.
Rua Caiuby 199
Fones: 263-4648 e 62-5433
Atendemos a domicílio

LIVRARIA MANDURI
Livros de Arte, Ciências Humanas, Pockets, Posters. Pedidos pelo telefone 256-9610. Rua da Consolação n° 323, loja 1

RECOMENDAMOS
Dr. JOÃO CORIOLANO REGO BARROS
Pediatra
Consultório: Av. Paulista 1159, 13° and. conj. 1310
tel.: 285-5828

DR. SOUBHI KAHHALE
Obstetrícia e Ginecologia
NOVO ENDEREÇO
(a partir de 1° de novembro)
R. Cardoso de Almeida, 788/Conj. 122 - (12° andar) - Fone: 864-1196

A MAIOR VÍTIMA DESTE ASSALTO

(Bettina Turner e Arneice de Souza)

Muito bem. 1979 foi o Ano Internacional da Criança e Ano I da Criança Brasileira. Deu de tudo: Roberto Carlos e sua coleta de dinheiro proclamaram que a Rede Globo ia resolver o problema dos menores. Houve mil manifestações de afeto e apelo pelas nossas crianças. O que mudou? Passados 10 meses e perdido o embalo inicial, o Ano Internacional da Criança perdeu o embalo inicial e só ressurgiu movido por ventos comerciais agora, na Semana da Criança (compre, compre, compre).

Contudo, o quadro real é realmente angustiante. As nossas crianças sequer seu direito é dado. É-lhes negada educação, nutrição e a resposta que o general-presidente dá a uma criança acerca do salário-mínimo é que "se meu pai ganhasse o salário-mínimo, eu dava um tiro na cuca".

Prova de que não são todos os que pensam como as autoridades foi a Semana do Menor Marginalizado, ocorrida de 10 a 13/10 aqui na PUC. Promoveram-na o IEE/PUC (Instituto de Estudos Especiais) e a Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese. Durante 4 dias ocorreram 7 debates, com participação efetiva de 250 pessoas que lotaram diariamente a sala 333.

Participaram especialistas como as educadoras Maria Nilde e Nadir Kfoury; juristas como Dalmo Dallari, José Gregori, Hélio Bicudo e José Carlos Dias; sociólogos como Ianni, Weffort e Kowarick. Houve também a contribuição de entidades como o CEDEC (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea), o URPLAN/PUC (Inst. de Urbanização e Planejamento), a OAF (Organização do Auxílio Fraternal), Amparo Maternal e outros.

"ACABOU A PACIÊNCIA DO POBRE"

A abertura da Semana deu-se dia 10 à noite perante um TUCA com 800 pessoas. A presidência coube a D. Paulo que se definiu claramente: "é necessário ter-se uma visão nova do problema, buscando causas e efeitos e descobrindo como, de novo, os efeitos influem nas causas. Só assim teremos uma visão global do problema e empenharemos nele toda a comunidade. Chegamos ao limite da paciência de muitos pobres e famintos. Não seria hora de enfrentar o problema? Falar do menor abandonado neste momento é quase sempre falar de pânico e de medo. Esta Semana seria do medo ou da dignidade e do amor? D. Paulo lembrou de uns versos que recebera de alguém que se

ocupa do homem da rua e do menor: (...) "eu fico pensando moleque sem nome/ que a dor e o abandono/ te levem um dia a ser um bandido/ a ser um ladrão!/ Então terás nome, moleque da rua, / um nome sinistro/ que sai nos jornais"...

A seguir, o Dr. José Carlos Dias, presidente da C. Justiça e Paz, homenageou os presentes à mesa passando a seguir a palavra ao desembargador Adriano Marrey. Disse o desembargador da necessidade de salvar a família da criança, dar-lhe habitação decente, salário real, saúde e instrução a fim de evitar que a criança se torne um delinqüente. E concluiu: "Nada seria impossível se o homem fosse realmente a meta dos governos".

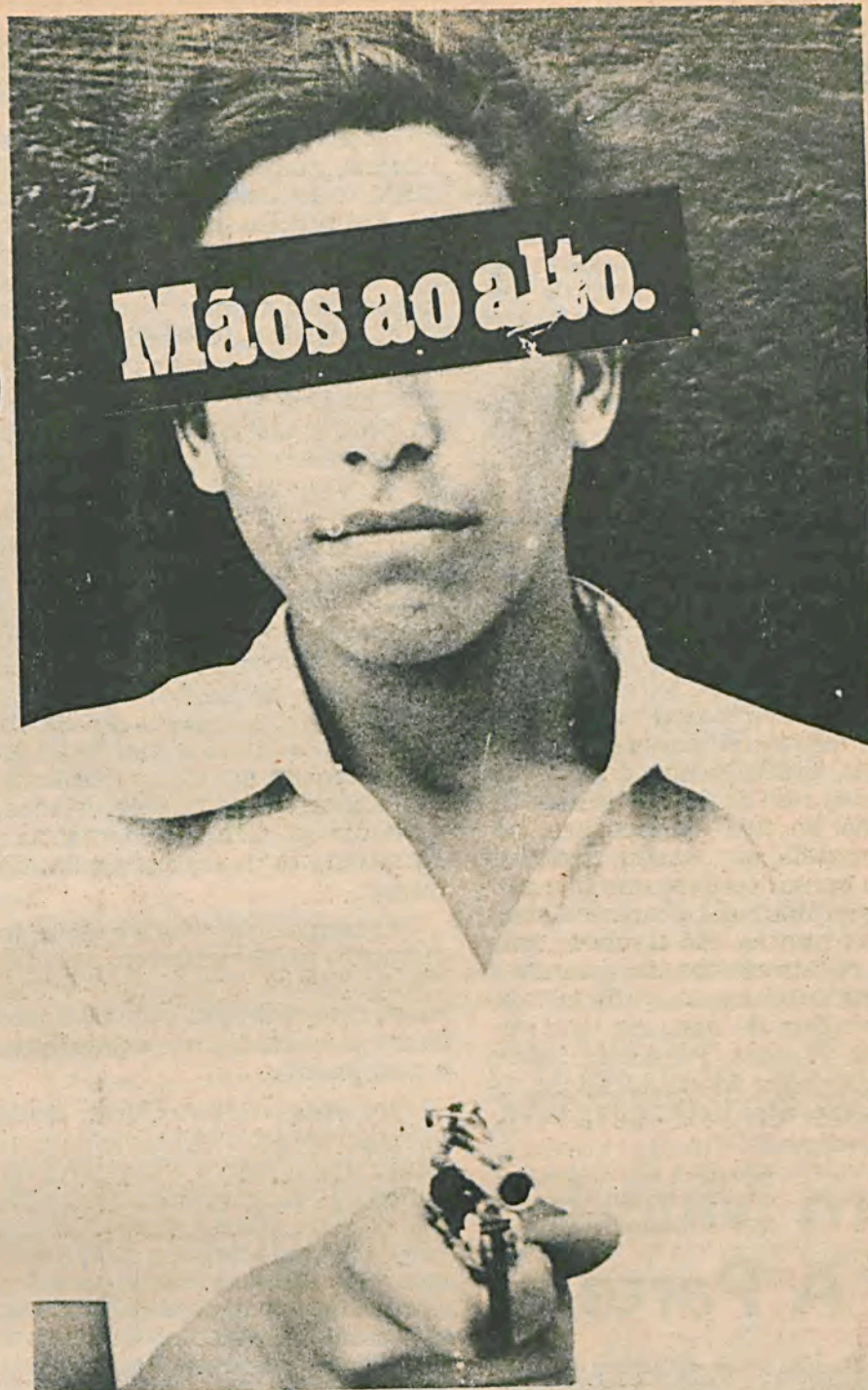
SOCIEDADE INJUSTA CRIA O MENOR

Octávio Ianni apresentou questionamentos acerca do problema do menor, o qual não pode ser visto fora do contexto social. Junto à questão do menor vem a mortalidade infantil, o desemprego, o bóia-fria, o peão da Amazônia derrubando mata, o clandestino, o arrocho salarial que racha a sociedade de lado a lado e finalmente a repressão em suas múltiplas formas.

Ianni enfatizou que tais problemas estão todos articulados e que foram agravados pela ditadura instalada em 1964, a qual conseguiu outra façanha: a de enriquecer as grandes empresas, as multinacionais. Ao ser empobrecido o povo sentiu as condições de vida mais adversas, tornando-se mais rígida — militar mesmo — a disciplina do trabalho na cidade e no campo. Em 1970 um operário precisava trabalhar 10 horas por dia para pagar sua alimentação e hoje precisa de 14 horas. Dessa população é que sai o menor marginalizado. Portanto, qualquer tentativa de solução do problema, tem que passar por uma discussão política, pela compreensão do processo político e pelo modo como as classes sociais se relacionam com o Estado. E concluiu: "ora, num estado autoritário, as condições de resolução dos problemas do povo são extremamente adversas. Para encaminhá-las soluções é claro que precisamos passar pelo processo de democratização da sociedade brasileira e do poder político".

Atrair-Repelir

Dia 11 à tarde o GTM/PUC (Grupo de Trabalho do Menor) apresentou o resultado de suas



pesquisas, feitas já há 2 anos sobre o "Mundo de Representação do Menor Infrator". Expuseram Sônia Paz, Edson Passeti e Rinaldo Arruda. O grupo colocou que a base do problema é a infraestrutura que deteriora as relações internas da família, com uma tensão muito grande, exiguidade de espaço, o freqüente abandono da família por parte do pai o que obriga a mãe a cair na mendicância ou na prostituição. Na rua a "família" encontrará a repressão policial, o que ainda agrava a situação para o lado do menor, que tem que se virar de alguma forma. O menor não consegue participar das condições capitalistas de trabalho. Por outro lado é alvo da ideologia dominante que lhe diz que todos têm iguais oportunidades. Nasce a contradição entre querer e não poder; a infração é a única saída. Daí ele é capturado e encaminhado a alguma instituição corretiva.

As estratégias de "educação" em tais instituições tendem a fazer uma modelagem autoritária da mente do menor. Os técnicos se pautam por uma "normalidade" oficial e não levam em conta a situação social do menor.

O grupo apresentou algumas entrevistas, em que o menor revelava sua compreensão da realidade. A questão "quem é Deus?" a resposta do garoto foi: "Bem tem 2 tipos de Deus, o dos homens e o da gente. O Deus dos homens prende, castiga mas o nosso não deda, queima fumo".

Tóxicos, Sexo

Dia 11 foi apresentada a pesquisa de Maria do Carmo Barbosa e Edmilson Biselli, da URPLAN, sobre a sociabilidade do menor e problemas como tóxicos, sexo.

A pesquisa abrangeu menores de 13 e 18 anos, abordados através de questionários, distribuídos em 18 colégios da Capital: 6 eram de classe alta, 3 de classe média, 3 de classe média em deterioração e 6 na periferia. Os debatedores e o público lembraram que as crianças pobres pesquisadas na realidade eram uma elite da periferia pois freqüentavam escolas. Não poderiam portanto apresentar com fidelidade os problemas que atingem grande parte dos menores de periferia.

Também se questionou a adequação de tal pesquisa dentro do contexto da Semana, centrada no menor marginalizado. Para os presentes, o menor de camada alta, média e mesmo mais baixa "não precisa de Semana".

Lei x Menor

A mesa-redonda realizada dia 12 sobre o "Novo Código do Menor" suscitou grande interesse. Coordenou-a José Carlos Dias. O Dr. Azevedo Marques fez severas críticas ao Novo Código: Segundo ele, houve um retrocesso de 50 anos quando se declara que o menor poderá ficar detido em de-

pendências policiais, o que possibilitará que o menor sofra violência em tais lugares.

O Dr. Djalma Negreiros ressaltou melhoria trazida pelos artigos que tratam de Adoção" e a inovação que é o "estágio de convivência" do menor com a família que o adotará. Tais medidas poderão diminuir o número de menores devolvidos à entidade por inadaptabilidade. A lei, ao estabelecer que a intervenção do advogado é facultativa, descuidou-se da defesa do menor. Pretende-se que o problema seja resolvido com uma simples mudança de nomenclatura: é criado o termo "menor em situação irregular", que substitui todos os outros referentes ao problema. O novo termo define aquele que apresenta "desvio de conduta" mas não especifica que desvios seriam esses.

A mesa debatedora apontou ainda outras falhas da lei. O Art. 58 § 1º, proíbe a hospedagem de menores sem os pais ou sem autorização do juiz em pensões, hotéis, motéis, etc. Assim, deduz-se que o menor terá mesmo que permanecer nas ruas, praças e debaixo das pontes. Há também uma total re-burocratização quando é exigida autorização "judicial" para a viagem de menores com menos de 18 anos. Fez-se um apelo final por uma mobilização da sociedade contra uma lei tão falha.

Um Mundo À Parte

Dia 12, pela manhã houve uma exposição sobre "Expectati-

vas e Valores de Menores Marginalizados", por Rosa Ma. Ferreira, do CEDEC.

Rosa contou das dificuldades iniciais, quando as portas da FEBEM se fecharam para sua equipe. Foi preciso procurar os menores nas ruas, o que não foi difícil: as ruas estavam cheias deles. Tal experiência ajudou a maior penetração na globalidade do universo que envolve o menor.

Desde cedo o menor participa da problemática do desemprego, ou subemprego familiar. Carrega ele a responsabilidade da cooperação no orçamento doméstico, o que o leva a criar trabalho onde não existia e a adaptar-se à exploração, lei da sociedade que o cerca.

Além do trabalho, pesquisou-se também as Relações Familiares. A mera desagregação da família não explica a marginalidade. A tensão contínua das famílias é internalizada pela criança. A Escola que aí está estigmatiza e aprofunda a marginalização do menor.

O caminho de volta é fechado quando o menor entra em contato com a polícia, o juizado e a FEBEM. O menor responde com violência à violência recebida desde o nascimento.

Na mesa debatedora, Dom Luciano Mendes de Almeida ressaltou que o menor é um herói no sentido da sobrevivência: seu projeto de vida aborta, nosso mundo não é o mundo deles, o qual devemos respeitar ao invés de cometer o crime pedagógico de amoldá-lo às nossas categorias. Quem é o educador do homem da rua? É o homem da rua.

Pedagogia Libertadora

A Semana encerrou-se dia 13 com o tema "Pedagogia para o Menor Marginalizado". Expositores: Maria Nilde, Luis Paschoal Marra, Angel Pino. Coordenou os trabalhos a Profª Nadir Kfourri.

Maria Nilde questionou o que é na verdade a marginalidade e se há uma pedagogia para tal situação. Exercer ação pedagógica só é possível dentro de uma sociedade concreta, situada no tempo e no espaço, marcada por problemas. Os problemas da classe de baixa renda centram-se na crescente pauperização em prol do enriquecimento progressivo de uma minoria. Os problemas tidos como educacionais só se resolvem pela superação dos impasses de ordem social, econômica e política. Caso contrário ficaremos no plano dos paliativos, que são excelente reforço para o sistema de exploração.

Angel Pino ressaltou que o menor é reserva de potencial ao qual faltam condições de se desenvolver. Quanto à criminalidade, Pino reconhece que faltam estudos que explicitem o problema, o qual se liga ao problema da marginalidade no Brasil que é fruto direto do "desenvolvimento" de tipo capitalista. Daí restam duas alternativas: ou conformar-se com uma existência parasitária, dependente de assistência social, ou então a revolta que — na falta de consciência social consis-

tente — leva ao delito. "Se o menor é portador de um mal, esse mal não está nele, mas fala por ele", concluiu.

Luis P. Marra afirma a necessidade de uma nova pedagogia para o menor marginal, não havendo modelos pré-pedagógicos ou importados.

É necessário que a sociedade aceite o menor quando ele sai de uma instituição que ele não seja estigmatizado. A transformação do menor não se dará pelas teorias ou as técnicas mas através das pessoas. "Educar é dar e criar oportunidade", finalizou.

O Autor do Crime

Depois de 4 exaustivos dias de debates, ficam algumas perguntas: depois de tudo isso, as coisas vão realmente mudar? A ideologia capitalista quer fazer dele também um dominador? A solução será jogá-lo no sistema?

Muita coisa importante foi aprendida. Já se sabe menos o que leva o menor a se marginalizar. É necessário que os participantes da Semana passem adiante esta proposta de luta. Nada mudará enquanto não se transformar toda a estrutura social e econômica em que nos inserimos. De nada adiantará darmos milhões de cruzeiros pelas crianças abandonadas, se elas continuam brotando a cada minuto. Fundamental é sugestão de Octávio Ianni: "devemos assumir a realidade do menor".

Quem é delinqüente? É o menor? É o policial? A sociedade é que é delinqüente".

"TUCA VIVO"

LULA não VEIO À PUC

Por iniciativa do IEE (Inst. Estudos Especiais) da PUC, dia 25/9 houve o 5º debate da série TUCA VIVO. Tratou-se de "Partidos Políticos e Organização da Sociedade". Presentes dois ex-ministros, um senador, um deputado federal e um especialista em política. Apesar de anunciado, Lula não pode deixar o encontro inter-sindical em Santos. O TUCA VIVO nº 6 foi transferido para dia 13/11, sobre o tema "Inflação e Modelo Econômico Brasileiro" com a presença de Afonso C. Pastore, Roberto Saturnino, Olavo Setúbal, José Serra, Joelmir Betting, Walter Barelli e Irma Passoni. No Tuquinha, às 20h.

Almino Affonso, ex-ministro do Trabalho do Governo Goulart analisou como os partidos jamais deixaram que as maiorias tocassem em seu poder interno. As massas sempre foram manobradas. "O atual espaço político admite a participação nos debates, mas não impede o acionamento dos mecanismos repressivos. O projeto oficial de Reforma Partidária, ninguém sabe o que seja. O país reclama condutos de expressão, que serão naturalmente os partidos. Esta abertura é em nome dos interesses das minorias ou das maiorias? Aqui está o divisor de águas, eis o grande corte." Almino lembrou que no passado houve até legendas de aluguel. "O PTB, apesar da popularidade e de um discurso oficial comprometido com o povo, não o tinha dentro de si. O Partido Socialista Brasileiro nunca foi um partido popular. O poder interno dos partidos também deve ser movido pelas liberdades democráticas reais e não como uma conquista burguesa." E finalizou: "a construção da sociedade socialista democrática é

processo que pode começar hoje, garantindo que as maiorias participem e não se tire sua liberdade sob pretexto de evitar a anarquia.

SOBERANIA AMEAÇADA

O Senador Teotônio Vilela, do MDB, definiu-se pelo pluripartidarismo e contra a tutela política e econômica do Estado. Insistiu em que o modelo brasileiro, baseado no petróleo, está falido no mundo inteiro. "A idéia oficial de pluripartidarismo não é séria — trata-se de artifício contra a busca do próprio destino feita pelo País e uma forma de dividir a oposição, salientou. O partido único obriga o pensamento comum, a prestação de serviços ao Governo."

A seguir, analisou nosso subdesenvolvimento, promovido pelas multinacionais. "Nosso desenvolvimento só se fará com nossas potencialidades. Nós podemos nos desenvolver sem o petróleo, com o álcool que podemos até exportar. Precisamos mudar nossos hábitos europeus, nosso consumo supérfluo (automóvel,

por exemplo)."

Finalizando, o sen. Teotônio reafirmou sua fé no nacionalismo. "As medidas-impacto aparecem sem debate público. Trabalhamos sobre hipóteses, como uma vaca de 5 pernas. Ou mudamos o modelo econômico ou em dez anos perdemos a soberania."

É PRECISO ORGANIZAR-SE

Severo Gomes, ex-ministro da Indústria e Comércio do Gov. Geisel, analisou o peso político de formas espontâneas de solidariedade. "Nunca tivemos partidos representativos da maioria. O Estado impediu formas espontâneas de solidariedade e dissolveu conflitos. O MDB passou a representar as grandes aspirações nacionais? É preciso manipulá-lo. Mas as sociedades eram permitidas: a família, a igreja, as associações comerciais. Já os sindicatos foram proibidos ou tutelados, bem como neutralizados os problemas de raça ou violência. Em SP surge nova consciência de que é preciso organizar-se em Comunidades Eclesiais de Base, em Sindicatos, que seriam as correntes transportadoras da grande vontade popular."

BALAIOS DE CARANGUEJOS

O deputado Djalma Marinho, da ARENA, manifestou sua perplexidade: "Não creio que a vaca vá pro brejo, que este país não tenha futuro. No Brasil parece que os partidos são

uma cor, um gesto, uma canção: eles não têm ideologia. Meu sonho são os novos partidos. Como está, somos amarrados como um balaio de caranguejos: sou contra a eleição distrital. Sou um deputado comum do Nordeste, um democrata — convoco a juventude para pleitear a liberdade. Liberdade para mim é uma questão de honra apenas mas para vocês é a própria sobrevivência."

CONTRADIÇÕES

Francisco Weffort apontou duas contradições no ambiente político. "A primeira é que a abertura é continuidade da distensão do Geisel. A atual estratégia de reformulação política assegura a iniciativa do Governo, de cima para baixo. Isto aconteceu com a manutenção de salvaguardas do regime, com a anistia limitada e ocorre agora com a reformulação partidária. A segunda contradição é que o bipartidarismo não é capaz de se articular com os movimentos das bases. Ressalto o ineditismo histórico das formas espontâneas de solidariedade de que falou Severo e o surgimento de expressivos líderes sindicais operários, especialmente o Lula, com a proposta do PT. É necessária a criação de alguns partidos populares com a maior autonomia possível. Estas contradições serão superadas quando percebermos que estamos à beira de novo sistema partidário — não se pode pensar com os partidos que temos na cabeça".

UNIVERSIDADE- POVO (2ª PARTE)

O Futuro Está Perto

Na Fac. Serviço Social desenvolve-se um laboratório de Universidade voltada para a população. Pouca gente conhece

“Aqui todos devem ter uma prática de contato com o povo: não se admite o Serviço-Social-de-gabinete”. Pudemos perceber no pessoal da Serv. Social um clima, uma mística que transparece por trás de uma vontade de não chamar a atenção. A Faculdade conta com 600 alunos e 46 professores e desenvolve uma série de projetos-piloto que, a nosso ver, concretizam um modelo da Universidade que a PUC busca.

A Faculdade de Serviço Social desenvolve projetos ligados a Loteamentos Clandestinos, na Favela “Maria Cursi”, no Embu e também na PUC.

LOTEAMENTOS — Este movimento se desenvolve em Cupecê e Parelheiros, desde 78, ligado ao Movimento de Loteamentos Clandestinos da zona Sul que nasceu em 1976, com a união de alguns bairros que apresentavam a problemática de loteamentos clandestinos. Hoje reúnem-se mais de 50 bairros. “A causa inicial é uma situação jurídica, explica o pessoal da Faculdade. Mas com isso as pessoas começam a se organizar para outros trabalhos como comissões de bairros, de creches, grupos jovens, clubes de mães, etc:

Este projeto é levado por 5 professoras e 7 alunas. Atualmente pretende-se construir uma sede para este movimento. Uma experiência interessante é o “Terreno da Aventura”, espaço que as crianças organizam livremente e definem sua atividade.

FAVELA — “Maria Cursi” situa-se em São Mateus. Lá se engajaram professoras e 4 alunas. A problemática básica é da habitação. O pessoal do S. Social sempre procura primeiro conhecer a realidade, começando assim sua atuação, a partir da perspectiva do próprio favelado, levando-o à auto-educação pela organização, respeitando sua História e seu momento. Este trabalho é ligado às Comunidades Universitárias de Base (CUBs). Esta favela situa-se a 25 km do centro, na Zona Leste. É um “acampamento onde tudo é triste e provisório”. Lá, duzentos barracos debruçam-se sobre um córrego-esgoto, com 1.500 pessoas. Existe há 14 anos.

PUC — Há um núcleo que reúne 3 professoras e 4 alunas. Dá-se continuidade ao trabalho com os boys e inicia-se algo com o grupo de faxinei-

ros. São encontros para troca de experiências e reflexão em grupo acerca das suas necessidades e seu trabalho. A programação nasce do grupo e conta com boa receptividade. O grupo de faxineiros conta com 35 participantes.

Também na PUC, iniciou-se em maio/79 um projeto junto ao Núcleo de Triagem da Clínica Psicológica, que oferece atendimento ao público. Pretende-se desenvolver o atendimento de casos, chegar aos locais onde moram as pessoas. Assim, entram-se Psicologia e Serviço Social num trabalho interdisciplinar.

DE BAIXO PARA CIMA

“Não há dúvida de que nesse movimento a gente percebe uma marca da atual Reitoria e de Dom Paulo, admitem as professoras. Contudo há muito do momento político-social que antecedeu a própria vinda de D. Paulo à PUC em 77, numa reunião marcante (cf. PORANDUBAS nº 4). Sempre houve preocupação da nossa Faculdade em participar na periferia, mesmo antes de sua integração definitiva à PUC. Isto se dá por força da profissão.”

Os projetos que a Fac. desenvolve estão ligados ao Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC. Entretanto, alguns projetos são mais especificamente de intervenção social — as professoras defendem a necessidade da existência de uma instância oficial que promova e acompanhe esse projetos voltados para o povo e que reuna os vários grupos que trabalham nessa perspectiva. “O ideal, defendem, seria a existência de projetos integrados por várias faculdades. Não podemos depender da boa-vontade das pessoas: tais projetos devem ser universitários, institucionalizar-se. Não parece que nosso trabalho seja conhecido pela comunidade universitária. Os setores da PUC estão sem intercâmbio.



Voluntários na Creche. Embu. (foto Jorge D. Pessoa)

Embu

Transformação de um Município

PORANDUBAS deslocou-se para conhecer de perto um dos projetos, dando uma idéia de como se desenvolveu o processo, a reação das pessoas, colaboradores.

O município de Embu-Guaçu situa-se a Sudoeste da Grande São Paulo. A equipe do Ser.Social pretende inicialmente conhecer as formas de expressão e comunicação do povo e posteriormente desencadear um processo de expressão e participação. A partir daí, podem-se elaborar junto com a população projetos que a ajudem a organizar-se. O grupo começou com o conhecimento sensível, contatos com lideranças, vendo o que as pessoas pensam, como é seu cotidiano, seus problemas.

A princípio, as assistentes sociais não levaram uma programação. Com o tempo emergiram propostas como trabalho junto às mães-professoras, a clube de mães e ao grupo jovem. Esses grupos chegaram a um projeto com uma Creche, que começou em abril/79. Atualmente a creche tem 30 crianças. Nela trabalham mães, voluntárias da comunidade, supervisionadas pela equipe da PUC.

PROBLEMAS

A Creche veio responder a uma necessidade das mães que trabalham. Foi alugada uma ampla casa. Aí começaram os problemas: falta verba e fiador para a casa. Uma malharia local ficou de fiadora, que também ofereceu os uniformes das crianças. A verba veio através da LBA, que a destina para uma pré-escola, que já existia. Assim, a verba é dividida entre a Creche e a Escolinha. A maioria das colaboradoras nada recebe pelo trabalho na Creche. As famílias contribuem de acordo com suas possibilidades.

A casa é ampla, tem quintal e muito verde para as crianças brincarem em brinquedos improvisados. Para elas, falta mais que brinquedos: não há médico, nem remédios e os

alimentos são poucos. “Se tivesse ferramentas, enxada e outras coisas, poderia levar adiante uma horta que eu plantava no quintal”, reclama seu José Nazário. Ele é funcionário da PUC encarregado de levar o pessoal da Faculdade até o Embu: não fica só sentado ao volante mas procura participar durante o tempo em que lá “estaciona”.

VOLUNTÁRIAS

Dona Zerlinda é a Presidente do Movimento Paulo VI. Foi das primeiras a partir para a criação da Creche e até hoje mantém grande atividade. Vai mantendo a deficitária creche com uns Cr\$ 500,00 que consegue aqui e ali. Exerce todas as funções possíveis: ela é mãe, presidente, tesoureira. “Há muito tempo que não tenho vida particular, diz ela. Não posso sair para comprar uma roupa e esquento bem a cabeça com a verba para o mês seguinte”.

Ao todo são 8 mulheres que entram às 6 da manhã e voltam para casa às 18 horas. A Prefeitura doa o pagamento de uma funcionária e a Malharia de outra.

Dona Elza trabalha há 5 anos na Escolinha e na Creche quando esta começou. Ela está preocupada. “O contrato da casa vai até abril de 80. E depois? Ninguém sabe. Mas vou até o fim com estas crianças. Não ganho nada mas adoro o que faço, apesar das dificuldades financeiras não vou deixá-las. Dona Regina tem dois filhos que tem que deixar em casa por problemas de idade. Há 8 anos ela trabalha com crianças e começou a receber “salário” há 3 anos: são Cr\$ 1.922,00 atualmente. “Talvez eu não possa continuar como monitora, por problemas de saúde”.

O Coração do Povo depoimento

EU GOSTARIA de ter liberdade, de não ser mandada em casa. De poder ajudar os outros. Sempre fui impedida de realizar o que queria. **EU CONSTRUI** um jeito de criar meus filhos com liberdade, apesar das dificuldades em casa. Uma atividade fora de casa, na escola, por intermédio do Clube de Mães, onde eu sinto que tenho liberdade. Desde criança assumo a responsabilidade da minha vida. Trabalho desde os 7 anos: Carregava 11 caldeirões de comida e 9 garrafas de café para os trabalhadores. Com o dinheiro eu me vestia e vestia minha irmã.

EU TENHO MEDO de ser enterrada viva, porque eu sou cardíaca. Quando eu tive crise, os médicos acharam

que eu estava desacordada e falaram que eu tinha só 3 meses de vida. Nessa ocasião eu sonhei que tinha sido enterrada viva e comecei a cavocar a terra para tentar respirar. **EU COMPREENDO** o porquê, as pessoas são como são, eu tenho paciência. Eu aprendi isso com minha mãe. **NO MEU CORAÇÃO** sinto muito amor pelas pessoas. É tanto esse amor que eu tenho medo de ser traída. Sinto um vazio — Principalmente no meu relacionamento em casa. **EU PROCURO** Paz. Procurar ser mais comunicativa e dar para os outros o que eu tenho para dar. Muitas vezes não sei fazer isso. Minha bagagem é minha fé, minha honestidade. O jeito que eu tenho para trabalhar com as crianças. Nisso eu consegui o meu desenvolvimento. Antes eu esperava um milagre.

VIA
VENETO
CABELEIREIROS

DESCONTOS DE 50% PARA AS ESTUDANTES

R. Martin Francisco, 449
Higienópolis
Fone: 67.0539

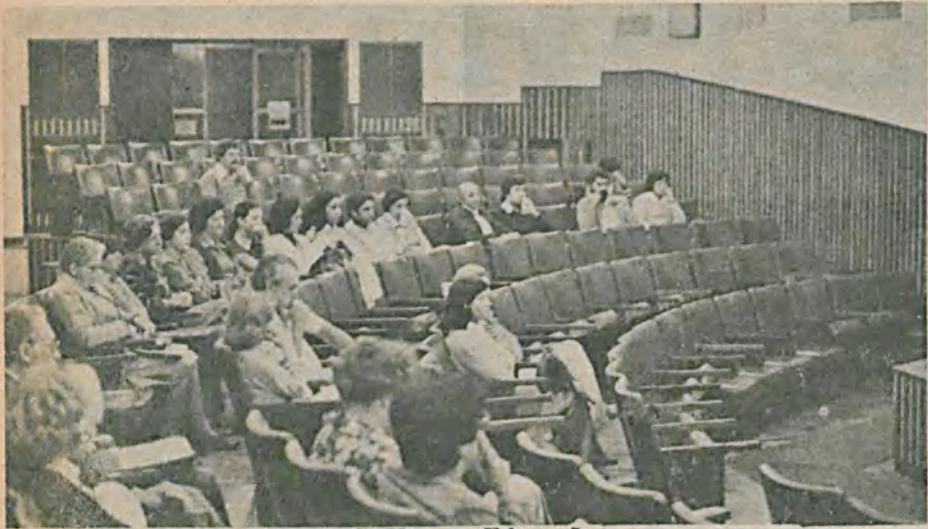
Rua Monte Alegre, 711
Perdizes
Fone: 263.9857

Rua Mercedes, 584
City Lapa
Fone: 261-1471

R. Dr. Veiga Filho, 778
Pacaembu
Fone: 825-4857

Rua Afonso Brás 375
Ibirapuera
Fone: 542.2168

Nos últimos 20 dias houve numerosas "Semanas" em todos os "campi" da PUC. A participação foi pouca e precisará au



Encerramento Semana Centro C. Hum. e Educação

Fotos Margie Calh

CENTROS DE CIÊNCIAS HUMANAS E DE EDUCAÇÃO

Dia 8/10 abriu-se a Semana com uma análise da situação dos Estatutos. O prof. Casemiro, Vice-Reitor Acadêmico, fez análise histórica dos Estatutos. Lembrou que a Univ. tem uma tendência elitista e autoritária, sendo que as Católicas mostraram sensibilidade para o marginalizado e para a realidade brasileira e latino-americana. No momento, há um choque entre uma herança arcaica e a proposta de departamentalização, que constitui novidade.

Ma. Lúcia Braga faz parte de uma comissão de Estatutos da Apropuc, que começou a se reunir em maio e que, dos 15 elementos iniciais, manteve-se briosa com 5 pessoas. Defende o documento que não bastam emendas superficiais: é necessário novo estatuto. Aponta uma estrutura piramidal em que os professores sem titulação não têm voz ativa. O monopólio do poder fica em mãos dos diretores de Centro, que têm assento em 3 conselhos, ao passo que os Departamentos planejam currículos mas não decidem sobre eles. A existência de vários conselhos e comissões criam uma ilu-

são de democracia.

Geraldo Silvério acentua que o fato de a classe administrativa ser escutada é uma oportunidade histórica. O atual Estatuto afasta a participação dos funcionários, que aparecem em posição servil. O representante dos funcionários no órgão decisório mais alto da Univ. — o Conselho Universitário — é escolhido pelos conselheiros em vez de ser eleito pelos companheiros. No Conselho Comunitário não há funcionário.

O representante do DCE lembra que o atual Estatuto reflete o autoritarismo repressor que pesa sobre a sociedade. Mesmo se for elaborado um estatuto amplo, será necessária luta para este passar pelo MEC e para tanto é fundamental a união de todos os setores. Pede o reconhecimento da representatividade dos CAs e do DCE e a participação de 1/3 dos representantes estudantis nos órgãos de decisão da Univ.

A representante da Creche pede que este setor seja reconhecido como órgão educacional e suplementar na estrutura da Univ.

Nossa Democracia Relativa

Dia 9/10, 4ª feira, abriu-se um debate sobre "Democratização na Universidade". Participaram 5 professores e 1 funcionário.

A profª Alba Celani define-se a favor da livre manifestação dentro da Univ., o que supõe o direito de voto individual e de representação. O foco do esforço democratizador seriam os órgãos de decisão da Univ. A liberdade não seria isenta da responsabilidade que os docentes devem ter pelo curso. Lembra que nas últimas décadas a PUC mudou para mais democracia — contudo a decisão continua tão centralizada como antes. Ressaltou que a finalidade da Univ. é a mudança no caráter da sociedade.

FILIGRANAS x INFLAÇÃO
O prof. Ant. Carlos Ronca pe-

diu que se ficasse no essencial. "Não podemos ficar como o Governo que discute a reformulação partidária enquanto o povo suporta uma inflação de 7,7%. Será inútil a discussão se e como votaremos para reitor se antes não definirmos a função social que queremos para a Universidade". A este respeito D. Paulo disse que "é preciso ser povo na Univ."; em 68 defendia-se que a Univ. deveria ser a consciência crítica da sociedade. Quem maneja o poder já tem o "Pacotão Portela" que define a escolha dos dirigentes, a carreira do magistério e o regime especial das autarquias federais. Sugeriu ampla divulgação do documento da APROPUC.

SABER + PODER

A Profª Odete Pinheiro afirmou que o saber não deve simbolizar poder, se não o processo de-

moocrático na PUC não será aberto. Fazendo as contas, demora-se 10 anos para um docente ter a titulação necessária, o que faz com que a Univ. seja afinal dirigida por um sábio conselho de pessoas maduras. A atual estrutura divide as áreas de saber fazendo com que elas tenham um a linguagem e abordagem muito específicas, o que impede o diálogo. É preciso diminuir distâncias: entre quem dita normas e quem vive o processo educacional. Odete termina com um a dúvida: "Será possível a revisão de estatuto, promovida por órgãos instituídos pelo próprio estatuto? É necessária uma revolução; não estarem os querendo reformas?"

A SERVA DAS ELITES

A Profª Carmelita Yazbeck entende a Univ. com o instrumento histórico e fruto da ideologia dominante. A Univ. tem sido um a empresa do saber e a ciência, um instrumento do poder. "É preciso,

diz Carmelita, que nosso esforço por democracia interna se amplie num projeto sensível às necessidades populares, que pressupõe a aproximação ao próprio povo. Tal projeto levará à confrontação com os interesses que têm as elites na Univ.

O prof. José Nagamine, da Afapuc, analisou a composição social da PUC. Apesar desses 15 anos de violências, pode-se perceber um alargamento da democracia na PUC, apesar da lei da Reforma Universitária prever tudo "na forma da lei", não deixando autonomia às Escolas. Na PUC, acrescenta-se um a tradicional estrutura autocrática, herança eclesiástica. Citou um a pesquisa do Inst. Gallup, de 74: na PUC, da classe A são 44%; classe B são 37%; classe C são 12% e classe D são 7%. Nagamine conclui que "sendo a PUC elitista, mesmo assim cabe a ela assumir um compromisso concreto com o povo."

BOTAR

Pelas Faculdades

CIÊNCIAS SOCIAIS — Centrou sua discussão sobre 3 pontos: subordinação do setor acadêmico ao administrativo. Autoritarismo na PUC e a questão da dupla titulação para a carreira docente. Levantou-se que é necessário o conhecimento geral do organograma administrativo além de maior presença administrativa no período noturno quando é intensa a atividade acadêmica. O Setor de Extensão deveria ser mais ligado à área acadêmica.

Observou-se que a pequena participação na Semana é fruto da estrutura autoritária da Univ. Defendeu-se uma ampla discussão sobre o Projeto da PUC antes da revisão do Estatuto. O enquadramento vem sendo feito de forma incorreta, o professor é inpedido de participar e a Fundação S. Paulo ninguém sabe o que é. Questionou-se a subordinação da PUC à Igreja. A proposta final é constituição de um a comissão com representantes eleitos em assembléia que elabore um anteprojeto de Estatutos.

PSICOLOGIA — A Semana do Centro teve sua proposta enriquecida pelas discussões da Semana sobre Currículo (proposta pela Comissão Paritária da Faculdade) e pela Sem. da Psico (proposta pela CA). Um dos grupos discutiam sobre os problemas de introduzir o aluno na Psicologia quanto a textos, evitar a imagem do curso com o mero técnico terapêutico. As críticas feitas no documento da APROPUC foram endossadas por todos os grupos. Tratou-se também da situação dos funcionários, da necessidade de se definirem funções e condições de promoção além de esclarecer as relações acadêmico-administrativas. Ressaltou-se a necessidade de envolvimento efetivo das bases na revisão do estatuto. A proposta final também foi uma comissão com 2 representantes por setor (incluindo ex-alunos) para fazer o anteprojeto da reforma.

SERVIÇO SOCIAL — Analisaram-se as formas de representação via órgãos colegiados, que seria uma for-



Semana da Psicologia

ma menos eficaz de representação em substituição às entidades que foram desbaratadas. Dentro deste enfoque deteve-se na inexistência da participação dos funcionários. Foi proposta também uma comissão para elaboração de anteprojeto, sen elhante à feita pelas outras faculdades. Criticou-se a divulgação da Semana, pela comissão encarregada.

COMUNICAÇÃO E FILOSOFIA — Apresentou-se o estudo de um a comissão para o desmembramento da Faculdade, além de um anteprojeto de um Centro de Informação e Linguagem. Defendeu-se a elevação da Faculdade como instância decisória, maior mobilidade dos professores entre os depts. O representante do CA protestou contra a má divulgação da Semana, razão de seu esvaziamento. **AFAPUC** — Propôs-se a eleição de representantes de secretarias e setores para maior comunicação e levantamento de problemas e sugestões. O corpo administrativo é fundamental para a realização do objetivo de ensino e pesquisa na Univ. e por isso deve participar nos órgãos deliberativos e entrosar-se com professores e alunos. Levantaram-se questões sobre a estabilidade do funcionário, e reformulação do quadro de cargos e as "relações preferenciais" entre alguns funcionários e certos chefes. Também proposta uma comissão de estatutos.

se quisermos sacudir o elitismo, o autoritarismo e colocarmos a Universidade a serviço da maioria da população

PRA QUEBRAR

GRUPOS DE DISCUSSÃO

Dia 8 à tarde houve reunião de 3 grupos por temas. PORANDUBAS contou com a cobertura da Déborah de Paula (Vida Comunitária, coordenado por Marcos Masetto), do Carlos Scaranci (Relação administrativa-acadêmica, coord. Milton de Miranda), do Roberto Barreiro Fº (Qualidade de Ensino, coord. Eloisa Denipote). VIDA COMUNITÁRIA — Discutiu-se a representatividade numa estrutura de poder de cima para baixo. O representante dos funcionários no Conselho Universitário é escolhido pelo próprio Conselho. Os auxiliares de ensino são 70% dos docentes e têm um representante no Conselho Departamental. Os alunos são representados nos órgãos colegiados na proporção de 1/5. Propôs-se extinção da Faculdade, eliminando-se assim duas instâncias de poder. As decisões passariam dos Deptos. pelo Cons. Centro e daí ao Cons. Universitário. As Unidades Setoriais elegeriam funcionários-representantes. Propôs-se maior interação Administrativa-Acadêmica para evitar burocracia e que se concretize o Conselho Comunitário, restrito a aspectos religiosos.

cia e que se concretize o Conselho Comunitário, restrito a aspectos religiosos.

RELAÇÃO ADMINISTRATIVA-ACADÊMICA — Primeiro, deve-se integrar os setores docente, alunos, funcionários. "Não importa no momento a reforma do estatuto. Primeiro devemos nos conhecer melhor", disse uma funcionária. O presidente da AFAPUC insistiu na representatividade dos funcionários e pediu que se dê oportunidades educacionais a eles. Concluiu-se que não basta democratizar a Univ.: é preciso que ela se volte para os reais interesses do país.

QUALIDADE DE ENSINO — É preciso que aluno e professor integrem-se na realidade brasileira. Há uma série de dificuldades: a obrigatoriedade de títulos para a carreira universitária; não existe interdisciplinariedade; o estatuto não define os objetivos da Univ. é competitivo além de mal conhecido. Aproveitar a oportunidade para reforma curricular, voltada para maior intervenção no sistema social e educacional do país.



Grupo de Discussão

DIREITO ENTORTA RESISTÊNCIAS

De 8 a 12/10 realizou-se uma atividade geral na PUC que reuniu os centros de Ciências Humanas e de Educação, além de envolver várias Faculdades. Os estudantes de Direito, através do CA "22 de Agosto", preocupados com sua integração de fato à vida universitária, entraram em contato com a direção de sua Faculdade. Queriam saber se haveria atividades também para eles. Após muita rampa e depois de muito tempo soube-se do Diretor do Centro que a Fac. Direito teria seu trivial cotidiano enquanto as outras discutiam sobre estatutos, democratização, problemas econômicos, etc.

o 1º CONGRESSO INTERNO DA FACULDADE DE DIREITO. Neste Congresso, a se realizar em fins de outubro, alunos e professores deliberarão acerca de currículo, avaliação, metodologia, créditos, taxas de secretaria, participação estudantil nos departamentos, comunidade universitária. Procurada a Direção, houve um verdadeiro empurra-empurra pois ninguém se considerava competente para autorizar a dispensa das aulas. Diante de tais fatos, CA e colegas já mobilizados paralisaram as aulas, conforme decisão na assembléia, apesar de ameaças de suspensão.

Segundo a Diretoria do CA "22 de Agosto", o saldo de todo o movimento durante esta semana foi positivo. Bom número de colegas se reuniu e foram discutidas propostas de alteração curricular, relativas à metodologia de ensino do Direito, quanto à participação significativa nas decisões da Faculdade. Tais questões serão levadas ao 1º CONGRESSO DA FACULDADE DE DIREITO.

SOROCABA TOMA JEITO. AOS POUCOS.

Na Semana do Centro, de 24 a 29/9, chegou-se a conclusões longamente preparadas, acerca do profissional de saúde que se quer formar, constatou-se que o corpo docente está "inchado", entre outras coisas.

A comissão que levou adiante o processo nasceu da greve dos alunos, em maio de 78. Uma das reivindicações de então era a reforma curricular, a qual foi aceita. A Comissão começou a funcionar em agosto/78 e encerrou seu trabalho em agosto de 79 tendo empregado as férias nisto. Foi feita uma reunião por semana, a portas abertas. Ao final foi elaborado um ante-projeto distribuído a todos. Fez-se também um contato com os professores no sentido de localizar matérias, estabelecer número de aulas, horário.

O problema de fundo com o currículo da Medicina e Enfermagem é o sistema pedagógico: não há integração de matérias. Além disso, o curso prepara especialistas precoces e o que se pretende é preparar o aluno para ser clínico geral, deixando as matérias mais especializadas para o pós-curso.

A SEMANA

Houve em geral cem participantes, entre alunos e professores. As discussões foram todas as tardes entre os dias 24 e 28/9. Houve 3 núcleos: — **CRITÉRIOS DE REFORMA CURRICULAR:** A formação do médico é uma exigência social, é preciso ter-se em

conta a situação de saúde do povo brasileiro. Atualmente há uma insistência na prática médica. Contudo, a formação a partir de casos não é sistemática nem tem base universitária além de criar dependência dos instrumentos médicos (Raios X, análise) o que torna elitista a saúde pois tais instrumentos só rico paga. Na reforma, a prática será exercida do 3º ano em diante, pela manhã, o que eliminará o atual estágio do 5º ano. Será criada uma coordenação didática do Centro, um pedagogo acompanhará os cursos.

— **CONCRETIZAÇÃO DA REFORMA:** os horários obedecerão a maior objetividade a fim de criar maior compromisso mútuo entre alunos e professores. A discussão obedeceu a aspectos bem específicos e técnicas ao próprio Centro — **CONSEQUÊNCIAS DA REFORMULAÇÕES:** Haverá participação de 1/5 dos alunos em todas as comissões. Percebeu-se também que o Centro possuía 1000 alunos e cerca de 200 professores: concluiu-se que com mais ou menos 115 professores a programação pode ser tocada tranquilamente. O centro teria assim cerca de 40% professores a mais que suas necessidades e que o custo deste excedente é — em 1979 — de 12 milhões de cruzeiros, exatamente o montante do déficit do Centro este ano. Outra consequência será uma programação livre para atividades comunitárias, toda 4ª feira à tarde.

Ac saber da não-participação os colegas do 3º ano resolveram dia 4/10 formar uma comissão que junto com o CA convocaram uma assembléia geral, a qual contou com presença de mais de 200 estudantes — foi a maior dos últimos anos. Deliberou-se que parariam as aulas para participar da Semana dos outros Centros e preparar

JORNALISMO REIVINDICA

A mobilização do curso de Jornalismo foi decidida na Semana de Jornalismo realizada entre os dias 24 e 28 de setembro e que foi totalmente voltada para o estudo dos problemas do curso, contando com a participação de professores e alunos. Além dos tópicos de mobilização já citados, consta também a exigência da devolução ou negociação de um crédito a mais cobrado dos alunos na matéria de Telecine-Jornalismo e da sobretaxa paga no ato da matrícula do 2º semestre de 79 para a manutenção do Laboratório Fotográfico, entregue atualmente ao ostracismo dos aranhas e ao desconhecimento dos alunos, por falta de um laboratorista. Para encaminhar esta luta e debater os rumos do curso foi rearticulado o CEJ (Centro de Estudos de Jornalismo).

As reivindicações voltam-se ao cumprimento do Cronograma de implantação, já aprovado pelos órgãos deliberativos da PUC. A Hemeroteca teria imediata implantação, até o fim de 1979 se-

riam implantados Oficina Gráfica, Lab. Fotográfico e Atelier de Artes Gráficas. O Estúdio de Telecine-rádio seria implantado até meados de 1980. Tais pontos são fundamentais para o curso ser reconhecido pelo MEC.

Como forma de pressão, decidiu-se o boicote das mensalidades a partir de outubro, até que se atendam às reivindicações. O CA "22 de Agosto", que dá assessoria jurídica ao caso, reconhece no boicote um mecanismo legal, já que a Reitoria não cumpriu com o prometido. (Carlos Scaranci)

Novo conceito de condicionamento físico

SPORT CENTER

Ginástica Científica
Personalizada — Yoga —
Fisioterapia — Sauna —

Rua Dr. Estevam de Almeida,
69 (entre Caiuby e Vanderlei)

Fone: 65.4680

CIDADÃO: ESTUDANTE

O que pensam, como agem, o que sentem as lideranças estudantis no momento da reconstrução da UNE

O Orlando Campos, (Economia/PUC) é diretor de ensino da UEE e a Eliandre Martini (História) é presidente do nosso DCE. Foram ouvidas suas opiniões sobre como as lideranças devem se aproximar dos colegas, sobre a política do Governo, ramificações do déficit da PUC e política de verbas. Participaram pelo PORANDUBAS o Jorge Claudio e a Ma. Loudes Sola (Lourdinha) do Jornalismo, que também cobriu as apurações da eleições da UNE.



Orlando



Eliandre

PORANDUBAS: Quais são as prioridades do movimento estudantil?

Orlando: A UEE pretende barrar o "Pacotão" do Ministro Portela, que é a última fase da implantação do ensino pago, que deliberará as taxas escolares em 1980 de acordo com as necessidades das escolas, além de promover a autarquização das escolas públicas. Pretendemos fazer um plebiscito nacional sobre o tal pacote. O plebiscito exige discussão prévia, o que é uma forma de as lideranças se aproximarem dos seus colegas. Será uma forma também de se saber a opinião geral dos alunos contra a iniciativa do MEC.

Eliandre: A atual diretoria do DCE preocupa-as em tornar a entidade cada vez mais do aluno, tirando a imagem de que é uma entidade proibida, levada por um grupo minoritário. Temos conseguido que o DCE seja frequentado por estudantes; nossa prioridade é organizar os setores de esporte, social, cultural, de ensino.

Essas iniciativas eram disvinculadas da entidade, articulações espontâneas dos grupos, à procura de locais de esporte, de cantinho para tocar o violão, bater-papo, fazer amigos. A Universidade tem a característica da grande cidade: cada um para si e Deus para todos. Achamos essas tarefas importantes cabendo à entidade central assumir sua solução. Tais iniciativas parecem mínimas, mas por elas pode-se chegar a uma luta mais geral, pelo desmantelamento do aparato repressivo e contra a extinção do MDB.

NOVOS RUMOS

PORANDUBAS: Essa forma de atuar já deu resultado?

Eliandre: Temos pouco tempo de trabalho, começamos em julho. Mas já se percebe algum efeito. O jornal do DCE, passou a contar com uma equipe firme e aberta para as contribuições de todos. Antes era preciso mobilizar de novo o pessoal após cada iniciativa, agora há menos quebra de continuidade. Através da ajuda indireta do Dec, os alunos promoveram um torneio de tênis de mesa entre o pessoal da Monte Alegre e Marquês de Paranaguá, o que foi muito bom para o entrosamento já que eles se sentem afastados.

Orlando: Também o DCE já promoveu debate sobre ensino pago, participou no Ato Público contra a Invasão, na luta pela anistia e ajudou os profes-

res a organizar o Núcleo de Anistia/PUC.

PORANDUBAS: Vou provocar. Em que promover futebol, sambão, destaque o movimento da PUC e por exemplo, do Mackenzie? Essas atividades não seriam alienação?

Eliandre: Não, depende da perspectiva do trabalho. Uma diretoria de direita pode limitar-se a esse tipo de atuação. Nós achamos que é um primeiro momento. Já existe uma parcela dos colegas que debate sobre Constituinte, vai a passeata, mas não dispensa também o lazer. Estes trazem o pessoal que começa a se aproximar, para um nível maior de consciência, para atividades mais avançadas.

Orlando: A UEE acredita que qualquer entidade deve responder às necessidades dos estudantes. Há 2 anos o Mov. Est. viveu momentos de extremo espontaneísmo na discussão das questões políticas atuais. Havia passeatas, atos públicos, um atrás do outro, à parte das entidades estudantis a ponto de se perguntar para que estas existiam. Então nós voltamos para dentro da Univ. com questões de ensino, esportes, debates de anistia. É preciso perceber o que o estudante quer naquele momento: hoje pode ser

uma mobilização pelos bancários, amanhã pode ser um show no TUCA. No momento a UEE promove um campeonato estadual nas várias modalidades esportivas, luta com todas as garras para barrar o projeto do Min. Portella, promove em novembro uma Semana de Atividades Culturais, além de debates sobre a reformulação partidária de Figueiredo.

ESQUENTAR CADEIRA

Porandubas: A PUC ultimamente está uma festa, isso aqui está uma delícia. Pode parecer babaca mas o pessoal está abrindo o livro? Ou vocês serão futuros aplicadores de caixa-preta?

Orlando: Um dos principais problemas da Univ. é a política de verbas do MEC, que é uma questão de ensino. A UEE não tem condições de discutir com os vários cursos suas questões específicas, de transformação de currículo: há uma série enorme de situações diferenciadas. A nosso ver essas tarefas seriam do DCE e dos CAs.

Eliandre: A questão é interessante. No tempo da reconstrução do DCE as diretorias das entidades precisavam abandonar parte do curso, porque ainda participava pouca gente. Isso gerou

uma imagem de "estudante profissional". Com um trabalho mais ligado ao aluno, aparecem mais participantes, comissões mais firmes. Já temos condições de coordenar estudo e atividades do ME.

PORANDUBAS: Aqui na Mte. Alegre é tudo juntinho: vocês têm visão de conjunto da situação dos alunos? Por outro lado como é o problema do distanciamento dos campi Sorocaba, Paranaguá e Monte Alegre? Como se consegue fazer esse entrosamento dos estudantes?

Orlando: A gente tem de atuar em todo o Estado, com atividades e realidades extremamente diferenciadas. Desde 64 procura-se dividir o estudante em departamentos e faculdades estanques. Temos propostas unificadoras, como a de fazer ainda este semestre o Congresso Estadual de Estudantes Paulistas. Discutiremos sobretaxas, autarquização das escolas públicas e problemas de reformulação partidária. Neste sentido de coordenação já existe o Conselho Estadual de Estudantes.

Eliandre: Os Cas começam a propor participação paritária, reformulação do currículo, etc. O DCE participará mais no sentido de conhecer a realidade e apoiar a luta, por exemplo do currículo de medicina, de jornalismo e economia.

Os 15 anos de escuridão reprimiram muita força, ficou um nó na garganta de muita gente. Em 73 começamos de novo o trabalho de formiguinha, pela democracia.

Agora vivemos uma reviravolta, com maior consciência transformadora e temos os companheiros anistiados a nosso lado, lutando pela verdadeira Anistia.

Porandubas: Lá no curso de Jornalismo o pessoal tem uma posição frente à produção cultural. O debate já existe faz tempinho, sabe, se tem patrulha, se é odara, etc. Será que a UEE, a UNE, que já teve o CPC, tem uma proposta cultural?

Eliandre: Não vou negar. Não debatemos muito sobre a questão cultural. A Semana Cultural do DCE já é um primeiro passo, com muita partici-

Carnaval nas apurações

Dias 3 e 4/10 houve as eleições da UNE. O clima na PUC, como já se esperava, era agitadíssimo. Representantes das chapas concorrentes circulavam pelo Salão Beta. Dia 4, último dia de votação, entra no Beta o Clodoaldo Pacci F^o, do Do Direito, conhecido como "Chapeçó". Clodoaldo ficou famoso após a invasão de 77: em seu depoimento à CEI, em que se apuravam a responsabilidade das violências, ele tomou posição contrária à Reitoria e ao conjunto dos seus colegas, vítimas da "chacina".

Diante do clima das eleições, Clodoaldo apenas olhou, votou e saiu. Só disse que gostaria que a

chapa Maioria vencesse — preferência que não chegou a espantar.

Não houve qualquer incidente durante as eleições. Coisa que sempre ocorre no campus Monte Alegre é a composição de músicas. Os diversos grupos fazem novas letras de músicas conhecidas satirizando as posições uns dos outros. Já no dia 3, havia grupos em volta de um violão. A primeira música foi para o grupo Unidade, com a melodia "Yes, nós temos banana": "Yes, vergonhas, 68 estavam na Maria vai ter Unidade/Do trabalho com o capital/ Unidade moleque /Dentro do MEC/ Com burguesia e general".

Dia 4/10 a agitação aumentou, vocês só têm o apoio dos Mes-

Na rampa, ao lado do Salão Beta, muita gente em volta do violão aprendendo as letras para cantar no início da apuração. Uma das músicas foi cantada em uníssono: fora feita para a chapa Maioria. A melodia era "Oh! Terezinha", do Chacrinha:

"Demagogia tão vergonhosa está fazendo a Maioria silenciosa Mas de que lado, seus sem-vergonhas, 68 estavam na Maria Antonia Se você pensa que eu ia esquecer, você carregava os fuzis do CCC Vê se te manca, seus parasitas, quitas"

pação em termos de teatro, música, poesia, visual. O pessoal quer trocar experiências.

Orlando: A maioria dos estudantes não está ganha para o debate ideológico, sobre a participação do negro, da mulher. No momento ganhamos os colegas para atividades concretas. Com o tempo surgirão esses debates culturais, eles amadurecerão naturalmente.

VERBAS E SALÁRIOS

PORANDUBAS: E o déficit da PUC?

Orlando: Esse não é problema específico da PUC. Pelas escolas que visitei, dá pra concluir que a falta de verbas é geral, parte de uma política do MEC. A PUC é mais atingida devido às atividades que promovemos e pela atitude da nossa Reitoria. O MEC passa a direção das Escolas para as mãos dos capitalistas descomprometendo-se assim com o custeio do ensino. Aqui na PUC em todo canto a gente paga alguma coisa, sendo digerido pela falta de verbas. Se vamos à Biblioteca, não encontramos o livro; a refeição custa Cr\$ 28,00, um absurdo para um restaurante universitário. Vamos reclamar na Reitoria e nos argumentam que falta verba.

Mas de nada adiantaria o MEC mandar verbas para que solucionassem todos os problemas se professores, funcionários e estudantes não pudessem fiscalizar a aplicação delas. Sabemos que alguns administradores e professores com muitos anos de PUC recebem verdadeiras fortunas, que não têm significado algum diante do restaurante e biblioteca que temos ou de auxiliares de ensino reivindicando aumento salarial. Não adianta o MEC mandar verba se continuar essa "sugação" dentro da própria Universidade.

Eliandre: há faculdades que recebem muito mais verbas que a PUC. Nem



1968. Caça aos Estudantes

por isso as mensalidades são mais baixas que aqui. Nem por isso elas têm restaurante ou biblioteca equipada. Provavelmente as verbas são empregadas em altos salários administrativos. Aqui na PUC precisaríamos checar onde são empregadas nossas mensalidades, para onde vão as receitas do TUCA, o dinheiro das inscrições do Vestibular, o aluguel do restaurante. O balanço da mantenedora é muito jurídico, muito técnico.

Porandubas: Ainda não me convenci. D. Paulo puxou a orelha dos estudantes dia 21/8. Dizia ele que o estudante estava preocupado em cobrança e seria mais válido dar seu serviço na Periferia...

Eliandre: Nosso trabalho não é assistencialista. Muita gente já morou nos bairros, disposto a elevar o nível de conscientização lá. Mas se eu não vivencio os problemas da fábrica, não adianta ir panfletar, fazer piquete ou comício. Não é meu papel ir trabalhar lá. Aqui na Universidade eu tenho o que fazer, ligado ao objetivo da derrubada da ditadura.

Orlando: Os problemas que toda a

população passa nascem da orientação comum do governo. Para atacar esta orientação, devemos derrubar todos os pilares em que ela está assentada. A Universidade é um dos pilares, ameaçada de ser gerida pelos capitalistas. Se seguirmos o raciocínio de D. Paulo, incorreto neste ponto, a classe operária não poderia se organizar porque atrás dela há setores mais oprimidos que ela, os favelados, os mocambos e abaixo deles vem o índio que não tem onde morar.

SIGNIFICADO PESSOAL

Porandubas: Qual a ligação de vocês com a chapa Mutirão que venceu as eleições da UNE?

Orlando: A chapa Voz Ativa, que venceu a UEE-SP, apoiou a Mutirão: o programa de ambas é bastante próximo. Indicamos o companheiro Alon e Marcelo Barbieri para a diretoria da UNE, pelo Estado de S. Paulo. Acreditamos também na representatividade dos membros da diretoria eleita para realizar a reconstrução da UNE, a qual ainda não se efetivou.

SALÁRIOS DA PUC

YES, NÓS TEMOS PIRÂMIDE

Os maiores salários administrativos, sem acréscimos, são pouco maiores que Cr\$ 80 mil. A partir de junho o piso salarial passou a Cr\$ 4 mil. Um professor da PUC, no topo de sua carreira, recebe Cr\$ 41 mil. O professor e economista Pedro Calil Padis analisa estas distorções e estuda as condições em que se pode realizar um ensino melhor em uma verdadeira Universidade.

O 1º semestre de 79 foi marcado por movimentos de professores em busca de aumentos de seus vencimentos. Tais movimentos em geral alcançaram resultados relativamente modestos, tanto na PUCSP como em outras instituições, especialmente as pertencentes ao Estado de São Paulo.

Este fato merece reflexão. Tentemos compreender o que ocorre na PUC. Aqui a estrutura salarial resultou de medidas tomadas ao longo do tempo, medidas estas que provocaram por vezes distorções estranhas.

Encontramos aqui enorme disparidade de salários da grande maioria e os salários pagos a alguns funcionários, na maior parte bastante antigos na instituição. Se levarmos em conta a situação salarial existente antes das

medidas tomadas em junho pela Reitoria, que elevou os salários mais baixos, já tendo congelado os mais altos, pode-se perceber que os maiores salários pagos pela PUC eram 40 vezes maiores que os mais baixos. Isto sem contar os adicionais por tempo de serviço e outras vantagens. Tal situação é anômala numa instituição das dimensões da nossa Universidade.

BÓIA-FRIA DO SABER

A remuneração de professores, apesar dos enormes avanços havidos, tem permanecido aquém das expectativas criadas. Assim, o maior salário de um professor, para 40 horas de serviço (Cr\$ 41.281,00) é aproximadamente igual à metade do maior salário pago no setor administrativo e inferior a muitos outros salários, também administrativos.

A PUCSP tem feito visível esforço — sobretudo sob a atual Reitoria — no sentido de encaminhar para a carreira universitária um número crescente de professores. Porém, ao atingir o ponto final da carreira universitária, o professor encontra-se com um salário que não lhe permite dedicar-se apenas às suas atividades didáticas e de pesquisas

Mais grave é a situação daqueles que ainda se encontram nos estágios intermediários de carreira. As possibilidades de ascensão condicionam-se aos cursos de mestrado e/ou doutorado, bem como ao preparo de dissertações. Ora, o nível de remuneração obriga-os a buscar complemento sala-



rial, seja em atividades didáticas, seja em atividades técnicas. Este fato acaba redundando seja no retardamento no avanço na carreira universitária, seja — o que é mais grave — no abandono puro e simples das atividades acadêmicas. De qualquer forma isto conduz a uma queda do nível do ensino universitário.

UNIVERSIDADE OU ARMAZÉM

É verdade que a PUC não se situa muito abaixo dos níveis de remuneração pagos por outras instituições de ensino, públicas ou privadas. Mas esta comparação pode conduzir a um erro de apreciação já que a PUC tem um projeto universitário que não pode ser comparado com nenhuma outra instituição de ensino de SP. Esta universidade tem procurado ampliar seu campo de reflexão para englobar áreas de conhecimento relegadas a

Eliandre- A diretoria do DCE apoiou a Mutirão pelo seu programa. Mas não é só isso. Levamos em conta a prática efetiva que os elementos eleitos tinham junto às bases. No encontro nacional vimos a ligação que o Rui César tinha com a escola dele, o quanto seu trabalho era representativo.

Porandubas: O que representa para vocês, como pessoas, trabalhar no ME?

Orlando: Essa é a parte mais delicada da entrevista... Falar do povo, da Universidade, é relativamente fácil. Falar de si é mais difícil. Não saberia medir o meu desenvolvimento desde que comecei a participar. Quando entrei aqui já tinha um mínimo de debate na família. Meu relacionamento com colegas, familiares, modificou radicalmente, ficou mais profundo, mais claro a partir da compreensão das coisas em redor. Por outro lado, a gente pega uma linguagem viciada, as pessoas reclamam. A perspectiva de vida também muda: eu entrei aqui com objetivos de subir na vida, ganhar dinheiro. Isso tudo mudou.

Eliandre: Vim para a PUC não muito certa do curso que queria. Eu queria fazer alguma coisa para os outros através do meu estudo. Pensava em Serviço Social, ir para a periferia. Depois pensei em Ciências Sociais mas me diziam que era curso muito intelectual. Acabei em história, convencida de que seria incapaz de participar de qualquer processo revolucionário se desconhecisse as raízes do nosso povo. Logo descobri que não era só através do curso que iria fazer alguma coisa mas através de uma prática, que o estudo não dá. O ME me apareceu como algo de vulto, já que a Universidade é tão perseguida, além de fazer parte de uma luta mais ampla, pela Constituinte Livre e Democrática e pela mais ampla liberdade partidária.

um completo abandono pela quase totalidade das Univ. do País. Não é apenas a manutenção de cursos deficitários: é muito mais que isto.

Tendo uma clara opção filosófica, a PUC sente-se no dever de não se comercializar por um lado, e por outro, busca condições de maior reflexão.

Portanto, seria necessário que seus professores e pesquisadores tivessem condições mais compatíveis com atividades acadêmicas de alta qualidade. Apesar dos esforços já feitos, resta ainda um longo caminho.

As coisas se complicam no momento em que a PUC escolheu cobrar taxas inferiores à média cobrada por escolas, muitas de qualidade inferior. Agindo assim, a PUC terá menor receita mas não é menos verdade que assim ela é mais Universidade.

Esta quadratura do círculo só desaparecerá na medida em que as verbas governamentais forem mais substanciais e — sobretudo — a partir do momento em que, além de simples fornecedora de aulas, esta Univ. ingressar definitivamente no campo de pesquisa, obtendo recursos através desses trabalhos.

Fora daí sobram poucas perspectivas. Todas são estreitas e significam prejuízo efetivo. Se não sairmos para caminhos mais agressivos ficaremos como aqueles que fazem economia de tocos de vela. Ou então como o português da piada que inventou a roda triangular: assim ele economizava um lado e um tranco.

CUCA

TEMOS CORAL, SABIAS?

Há 6 anos o Coral realiza um trabalho sério, na moita. De tão escondido muita gente desconhece até a forma de aderir. O CUCA se ressentido de maior apoio da Reitoria e garante que se tivesse condições contribuiria muito mais. Quem quiser estabelecer contato, procure a Cláudia pelo fone 210.6870.

O Coral da PUC — CUCA — tem 6 anos. O maestro é o Renato Lopes, que trabalha por amor à arte. "Estou de saco cheio, desabafa Renato. O Edênio tentou uma verba do MEC, que existe, mas até agora nada. Da PUC a gente ganha as partituras há 3 anos e uma sala que faz eco, atrás da Creche. Foi-nos oferecido um local de ensaios na Rubem Berta mas, se o coral já está isolado na PUC, imagine a gente ensaiando lá? Aí o isolamento seria total. O CUCA vem melhorando de nível há anos. O ensaio de técnica vocal é feito de graça pela Sílvia Caropreso, cantora profissional. Hoje são 35 cantores, que ensaiam durante a semana (vozes separadas) e no sábado à tarde (ensaio geral). Nossos ensaios no início eram na casa paroquial, mas reclamaram do barulho: "o Coral é um elefante, que atrapalha muita gente", diziam. "Tivemos até ensaios na rua, em frente ao TUCA, o piano foi parar no Almoarifado chegamos a ensaiar no 4º andar, onde se construía o Pós-Graduação. Há muitas promessas — apenas — de dar tratamento acústico à sala que usamos agora."



O Cuca parte pro ataque. Dia 31/8, Monte Alegre

NA PERIFERIA

O mínimo que se pede é uma secretária e um ramal telefônico. "Há mil convites, diz Cláudia - diretora social. A Prefeitura chega a pagar um cachê de 12 a 15 mil por apresentação. Em 79 não nos apresentamos por falta de quem transasse". Há uma necessidade de contato com o público, de ser aplaudido ou vaiado. "Nós nos apresentamos bem proletariamente, enfatiza Cláudia. De repente a gente pinta numa praça na Periferia, fomos a um asilo de velhos no Cupecê, em formatura do Mobral na Vila Sabrina; na romaria de agosto em Bom Jesus de Pirapora. Em Pirapora foi engraçado porque nos apresentamos na Igreja e o povo estranhou que o lugar virasse palco: de repente vem uma pessoa de joelhos lá do fundo e não conseguiu chegar à imagem, que estávamos encobrin-

do. Ano passado nos apresentamos num domingo na Praça da Sé, nas escadarias da Catedral. O pessoal curtiu muito. De lá seguimos para o Metrô mas não nos deixaram cantar. Fomos parar dentro da Igreja onde cantamos uma Missa da Renascença, o padre deixou, mas reclamou que não tínhamos pedido licença. Na PUC mesmo fizemos uma apresentação no campus da Marquês de Paranaguá num dia em que houve prisão de estudantes, o clima estava ruim. No campus Monte Alegre, às vezes, cantamos na rampa: junta aquele mundão de gente e a turma não quer ir para a aula". Renato lembra que na época de Natal o Coral costuma ir ao Centro da Cidade e as pessoas ficam bobas com a roupagem musical de músicas que eles estão acostumados a ouvir no rádio. "Na PUC, a gente ia afinando a voz e a turma pensou que a

gente era louco — quando acabamos a apresentação a rampa estava cheia, gente debruçada nos andares, pedindo bis. Foi muito gratificante pra gente.

MEIO SUMIDOS NA PUC

PORANDUBAS: Por que vocês não aparecem muito aqui? Em que o Coral contribui? Renato: Aqui é preciso "assaltar a pessoa", pois não se tem tradição de ouvir coral. Não é como na USP, em que o Coral é uma transa louca. A PUC nos dá sala, partituras. Muito bem, mas um Coral pode melhorar a imagem da instituição, aumentar seu prestígio. A Reitoria poderia dar seu nome para que conseguíssemos apresentações, patrocínio de firmas, apresentações em outras PUCs. Nós somos o único grupo que resiste há 6 anos. Acho que não nos apóiam mais porque devem pensar: "Eles continuam de qualquer jeito..." Em 74, fomos a Porto Alegre pagos pela HASPA, e a Secretaria de Cultura do Estado pagou as passagens de uma viagem a Sergipe.

Aproveitamos aqui para convidar outros grupos culturais da PUC para entrosarmos programações comuns. Na PUC deve haver instrumentistas: por que não fazemos um concerto de fim de ano? Quem sabe dava para montar até uma escola de música...

O Coral nasceu de 2 Centros Acadêmicos: depois de 6 meses saímos porque não queríamos ser instrumentalizados politicamente. Nossa-força é a música. Recentemente, recusamos convite para uma festa de Natal, 30 mil vezes para homenagear o governador. Pagariam 30 mil por mês para ensaiarmos. Mas para isto seria preciso abandonar o trabalho na base e perdermos nossa autonomia.

O Cangaceiro Jurubeba



Eis o roteiro de ciência e emoção de um intelectual no rumo de seu povo. Pesquisa recém-publicada sob o título "Pelo Espaço do Cangaceiro, Jurubeba" pela Ed. Símbolo.

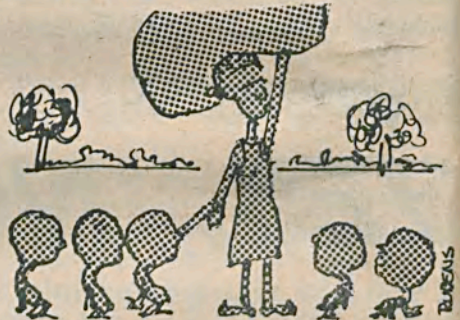
(Arthur Shaker)

Este trabalho, parte de uma pesquisa maior, é um ato de amor. Dele participaram Carlos Alb. Dória, Carlos Alb. Ricardo e eu. Nos anos 70, sob o escuro e violento clima que marcou a sociedade brasileira, buscamos uma alternativa de trabalho em equipe sobre os "movimentos rebeldes primitivos".

Peito aberto, cheio de gosto e curiosidade pela rebeldia e paixão pela aventura fomos aos cangaceiros, saber de suas vidas, trazê-las à memória brasileira e delas aprender alguma coisa. Atraiu-nos o mundo do sertão, mesmo sendo nós da cidade: esse mundo faz parte do nosso romantismo lírico, musical, tropical, universal. Viola em noite enluarada, o coração tem uma corda bandoleira. Neste livro, procuramos devolver à sociedade brasileira os frutos da pesquisa. O que foi essa vida que se abriu para alguns sertanejos, o cangaço de Lampião nos anos de 1920 a 1939? O que foi esse cangaço, forma social de viver, as determinações que formam esse modo de vida, seu sentido, seus limites. Juntamos documentos, conversas com cangaceiros, sugestões, intuições, riscos. De volta todo esse amor.

Quebradas do Mundaréu

A profa. Sílvia O. Bueno, do Centro de Educação, trocou o asfalto pelo lamaçal. Em 1977 ela foi para o Amazonas, de vez, viver no meio do povo. Quem quiser manter contato, escreva para Itacoatiara. Caixa Postal 25, CEP 69.100.



"Em dezembro de 75 passei o Natal com minha irmã, em Itapiranga, no Amazonas. Tive intensa convivência com o povo de lá e de Itacoatiara — que é Igreja-Irmã de São Paulo — onde pude participar de uma assembléia da população. Senti que era um trabalho diferente, com o povo escolhendo seus representantes, num clima de igualdade com os agentes de pastoreio. Ainda não tinha visto esta liberdade na Igreja. Conversei com o Bispo de lá e ficou mais ou menos acertado que eu voltaria, após defender minha dissertação de mestrado. De fato, retornei a Itacoatiara em julho de 1977.

Lá meu trabalho principal é a formação de líderes e acompanhar as comunidades de Uarari e Ilha do Risco. Até agora foi possível tirar conclusões: 1 — O trabalho com o povo é prioritário; ele é

capaz de aprender e discutir as coisas — isto eu vi na realidade, embora acreditassem teoricamente nessas coisas.

2 — Conhecimentos teóricos precisam ser revistos diante da prática do povo, que vive do dia-a-dia e não tem nossa visão baseada em conceitos abstratos. Por exemplo, o clima não deixa que se guardem as coisas para o dia seguinte; nesse contexto perde sentido nossa mentalidade de se "precar para o futuro". Outro fato é que são relativos os costumes que libertam ou escravizam: uma mulher menstruada por exemplo, deve ficar em casa. À primeira vista é um costume que tira a liberdade, mas não haveria aí uma sabedoria, uma forma de defesa da mulher? Lá o universo é totalmente diferente: é preciso chegar com muita humildade porque a nossa verdade de urbana pode ser falsidade para eles".

**análises clínicas
exame-ehrlich**

**DESCONTOS PARA A TURMA
DA PUC**

R. Itapicuru, 229 - fone: 65.9255

**DR. ELIÉZER
MOLCHANSKY**
CLÍNICA MÉDICA

**Doenças do coração, diabetes, tiróide,
regimes, urgências em geral,
chamadas diretas:**

Consultório: Rua Itapicuru 229
Tel: 65-9255 Perdizes

Residência: Tel: 262-2990
São Paulo

Zapata
Ciências Humanas

Horário das 9 às 22 hs

Rua Dr. Homem de Mello 446-
tel 8640077

Rua Dr. Cesário Mota Jr. 285-
Tel 2222861

Magnus
BOUTIQUE E CABELEIREIRO

Desfile 18/10-19:30h

Desconto p'estudantes

R. C. de Almeida 1524
Tel: 263-9050

MEIA-NOITE

Maria Célia M. Bernardi

(Língua e Literatura Portugêsas)

Noite alta. Vento frio soprava por entre as ruínas escuras do pequeno povoado... Passava das dez e nenhuma alma viva se atrevia a botar os pés prá fora. Aliás, segundo os antigos moradores do local, há mais de dez anos que a cidade havia entregue seu destino ao demônio. Tudo por causa daquela diaba de mulher que andava de ondinha com o Senhor Prefeito, homem casado, pai de seis filhos, mas que, cá prá nós, não era lá flor que se cheire.

Foi quando a esposa traída resolveu num desespero reunir todas as mulheres respeitadas da vila e preparar a emboscada prá dita cuja... Deus nos livre e guarde, mas a coitada pagou os pecados!! Arrancaram os cabelos, as unhas, a roupa; apedrejaram com força e brutalidade; espancaram a diaba até deixá-la tontinha, pronta prá cair no chão. E, desde aí, ninguém mais cerra os olhos na cidade sem lembrar dela... A pobre, antes de dar o último suspiro, agonizando em morte, rogou-nos uma prega terrível, jurando perseguir quem se atrevesse a pôr os pés na rua depois da meia-noite.

Seu Zé Penicilina, da Farmácia, foi o primeiro que a viu. Contava ele, inda outro dia que precisou, com urgência, ir buscar o Doutor Dias Neves para cuidar do filho com pneumonia. Já passava das onze e ele acelerou o passo, mas, quando vinha voltando sem o médico que não encontrara, viu um vulto com um longo véu atravessar-lhe à frente em dire-

ção ao cemitério. Notou, ainda, que o véu era todo de franjas... (um semelhante ao que ela usava aos domingos, na comunhão). Prendeu a respiração, escondeu-se atrás do muro e, assim que o vulto desapareceu na escuridão, voou para casa como um rojão.

Dona Maricota, a costureira, também a viu, outra noite, com o mesmo véu, depositar flores em seu próprio túmulo. E o seu Florêncio, o do armazém, disse até que já escutou seu canto triste e agonizante, buscando algum cantado prá embalar.

Foi então que seu Chiquinho, moço advogado da cidade grande veio pra estas bandas de cá, montar seu escritório. Muito falante, destemido e descrente, o rapazola pôs-se a rir de nossa tragédia, jurando desvendar o mistério da meia-noite...

Numa noite fria, dessas em que nem jagunço certo se atreve a cavalgar, o moço resolveu, sem a companhia de ninguém ir atrás da maldita alma.

Todos o avisaram da loucura que ia fazer. As beatas acenderam velas e a cidade inteira rezou por ele àquela noite. Só que, para espanto de toda gente, quando deu meia-noite e a morte parecia certa, um tiro ecoou, vindo do lado do cemitério... Toda gente abriu as janelas e saiu à rua para ver o que era... De certo, ela possuía uma arma... Mas, ao contrário do que se pensou, lá vinha seu Chiquinho risonho: de um lado a garrucha ainda quente, de outro um imenso tamanduá.

Nunca mais se ouviu falar nela... A cidade, hoje, dorme em paz...

Em dezembro

Porandubas — festa!

poesia

— conto

— humor

— foto

— caricatura

Toda a PUC numa edição irreverente, lírica, sarcástica.

Qualquer coincidência será mera semelhança! Mande sua colaboração até o dia 14 de novembro para a Sala de Comunicação, junto ao Protocolo ramal 227.

Faça conosco a revisão humorística de 1979 (PUC e Brasil). Sua opinião sobre:

- as 10 melhores promessas não cumpridas?
- qual o campeão das reclamações?
- as frases mais absurdas de 79?
- horóscopo, previsões humorísticas para 80
- com que nomes você batizaria uma chapa de entidade estudantil? de funcionários? de professores?
- paródias de música sobre os fatos mais marcantes de 79
- "cardápios" para várias ocasiões
- como seria a "Grande Gincana-PUC"?
- troféus "impiedosos" para personalidades seletas.
- Se você fosse Papai Noel, que presente daria para a PUC?

Bote sua veia humorística para funcionar!



Av. Brig. Faria Lima nº 1191
loja H-6 — Tel.: 211-9210



DOCEIRA Ofner

ANUNCIA:

NOVA LOJA

QUALIDADE NÃO SE IMPROVISA

INAUGURAÇÃO EM NOVEMBRO

Avenida 9 de Julho, nº 5.623
(esquina com João Cachoeira)

DOCEIRA OFNER
Z 256-7237 257-0339



Rua Caiubi nº 215 —
Perdizes
Tel.: 65-4336



Av. Ibirapuera nº 3103 — loja 18
Indianópolis
Tel. 543-7266



Rua Augusta, nº 1611, loja 14
Tel.: 288-2182



GERAL

- **VESTIBULAR SÓ DEU PUC:** este ano houve 25.285 inscritos (13% a mais que em 78). As escolas particulares farão vestibular entre 6 de janeiro e 6 de fev. Farão provas no mesmo dia a PUCSP, a PUCCamp., FAAP, Mauá e FMU o que obrigou os inscritos a uma pré-opção pela PUC; por isso esperavam-se 20 mil inscritos. Expectativas superadas: a PUCSP está muito bem cotada.
- **UNIÃO DOS FORMANDOS EM ADMINISTRAÇÃO 80:** promove excursão a Ilha Solteira dias 1 a 4/11. Serão visitadas as Usinas de I. Solteira e Jupia. As condições de pagamento são supersuaves (3 parcelas), incluídas as refeições. Contatos com Aliomar (tel. 285.9435) ou Alberti (tel. 457.9524) ou na sala 124 noturno.
- **CORAL COMEÇA O AGITO:** O CUCA participará dias 15 a 18/11 do 1º Festival Nacional de Coros em Pernambuco. São 35 cantores da PUC que estão solicitando as passagens à Secr. da Cultura do Estado.
- **TUCA -** Dia 2/10 houve o show para Trindade com Milton, Gonzaguinha e o Regional de Trindade. Gente subindo por cordas, arrombamento das portas e muita animação. Dia 17/10 haverá apresentação do Coral Canto Nobile, 22 a 28/10 teremos a semana do DCE e 30/10 e 1/11 Festival de Música Universitária. 6/11 virá o João (Nogueira). No Tuquinha, apresentação dos Cem Melhores Comerciais Brasileiros (15 a 18/10). TUCA com nova aparelhagem de som: até que enfim. Parabéns!
- **PUEBLA PARA UNIVERSITÁRIOS-** Dias 7 a 9/9, 110 universitários estudaram no Tuquinha o Documento de Puebla. O encontro foi preparado durante 3 meses. Houve palestras de Paul Singer, Dom Luciano, Frei Gorgulho e Pe João Carlos além de debates sobre Movimento Estudantil, Menor, Periferia, dentro de ponto-de-vista de uma prática libertadora. O encontro foi promovido pelas CUBs - interessados entrem em contato na sala 53.
- **EXPOSIÇÕES NA BIBLIOTECA -** mediante contatos com o Bibliotecário e a Administração, a Sala de Comunicações oferece um espaço de arte: "Terceira Margem do Rio". Em setembro Fernando Zanetti expôs

suas fotos. Claudio Pastro exporá cerâmica e pinturas com motivos religiosos (22 a 26/10). Mara trará pinturas sobre Menor Abandonado de 29/10 a 1/11. De 5 a 14/11, Britta trará suas fotos premiadas sobre "Aspectos Abstratos da Flora": vale a pena dar uma chegada na Sala de Estudo em Grupos, Biblioteca Central. Interessados em expor procurem a Sala de Comunicação, ramal 227.

- **SEMANA DE FILOSOFIA:** "Filosofia e Política" foi o tema da Semana, que se deu de 24 a 28/9. Iniciativa dos alunos apoiados pelo Depto. Desde 1976 não havia tal evento. Houve curioso reaparecimento de temas como a função social do filósofo, a filosofia na PUC. Houve reprise dos convidados que apresentaram reformulação e aprofundamento dos pontos de vista anteriores. Discutiu-se acerca da metodologia: o rigor na análise dos textos não é mais suficiente. A procura dos cursos por alunos vindos de outras áreas exige a adaptação do ensino. Houve intercâmbio dos setores que ensinam Filosofia na PUC (Filosofia da Educação, Graduação e Pós em Fil. e PFTHC do Básico).
- **INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO CIENTÍFICA:** Dia 14/9 foi oficializado pela Reitoria um grupo de trabalho que sistematizará a Documentação Científica da PUC e criará um setor de dados sobre o pensamento brasileiro. Coordena o Prof. Geraldo Pinheiro Machado. Serão usadas microfomas. O Setor fica anexo à Biblioteca Central, ramal 332.
- **TURMA "CLÓVIS BEVILAQUA":** de Direito, formada há 20 anos é das mais fiéis ao reencontro. Houve missa dia 4/10 às 11 horas e coquetel oferecido pela UNIPUC (Associação de Amigos e Ex-Alunos), que se situa à sala 28-A ramal 364.



VEJO UM VULTO NA PANELA
Durante os dias 1/10 a 4/10 houve um boicote promovido pelos alunos ao Restaurante, devido à má administração da empresa Self-Service. A falta de higiene e a presença de uma barata subversiva na comida precipitaram crise. O DCE abriu lanchonetes no Salão Beta para aguentar o cerco. Dia 4 a firma levou suas tralhas. Já vai tarde. A propósito, quantas baratas não foram comidas despercebidamente até que a turma chiasse e alguém desse um jeito?

GEOGRAFIA

Conforme levantamento do CACS, 600 alunos de Ciências Sociais, História, Economia e até Geografia usam o material do curso de Geografia.

Contudo os mapas e cartas existentes no Departamento datam de 1966, assim como os atlas, sendo o mais recente de 1970. Os alunos trabalham com cartografia em carteiros simples nem laboratório existe.

Os alunos pedem reformulação material do curso e ampliação do quadro docente, pois só assim se evitará o final melancólico do curso.

Dia 27/9 fez-se reunião com o Prof. Casemiro, que prometeu estudar a situação e dar condições materiais para o bom funcionamento do curso. **CIÊNCIAS SOCIAIS -** Recentemente a PUC de Campinas esteve em 19 dias de greve. A Fac. Ciências Sociais de lá foi fechada e os alunos daqui solidarizaram-se com os colegas de Campinas. O CA promoveu assembléia e foi ao local em busca de dados.

O MOITA



SECRETÁRIAS

Dia 30/09 foi o dia da Secretária.

SECRETARIA FAC. PSICOLOGIA - Reclamações quanto ao isolamento e falta de comunicação da Monte Alegre. A distância traz dificuldade para os funcionários na marcação do cartão de ponto. Na época de matrícula é o maior drama, a clínica superlotada de alunos e ninguém se entende. Não dá pra atender direito o aluno por falta de espaço. O contato com o prof. melhorou muito para a clínica mas ficou difícil para a secretaria da Faculdade. Querem agradecer à CREPUC pela cobertura no caso da Hepatite e pelo cuidado que tiveram com as crianças.

SECRETARIA FAC. DE COMUNICAÇÃO - Quanto ao serviço interno tudo bem. Mas serviços paralelos (levar cadeiras, sair atrás de professor) atrapalham o andamento da secretaria. Deveria haver maior aproximação entre a secretaria: Sugere-se uma reunião mensal para levantar os problemas e as soluções para um sistema comum de trabalho. Gostaríamos de conhecer a todos e quebrar algum preconceito bobo de superioridade.

SECRETARIA FACULDADE DE DIREITO - Pedem maior atenção quanto à permanência de indivíduos estranhos que rabiscam as paredes do Prédio Novo a "Turma do Fumo" já é conhecida pelos que ali passam. Pedem providências em relação ao Restaurante que está uma calamidade pública.

TESES

(sala 333)

1. "CLASSES POPULARES, PERIFERIA URBANA E MOVIMENTO SOCIAL URBANO - O MOVIMENTO DE SOCIEDADE AMIGOS DE BAIROS EM SÃO PAULO". Maria da Glória Marcondes Gohn - Banca: Leôncio Martins Rodrigues, Lúcio Kowarick, Ecléa Bosi - dia 1/10 na USP.
2. "DISCIPLINA URBANÍSTICA DA PROPRIEDADE". Lúcia V. Figueiredo. Doutorado de Direito. Orienta: Celso Ant. Bandeira de Melo. Dia 20/10. às 9h.
3. "EXERCÍCIOS ESTRUTURAIRES E REDAÇÃO ESCOLAR". Vanda Bartalini. O nestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. Orienta: John Schmitz Dia 2/10 às 14.30h.

MATEMÁTICA E FÍSICA

Já está chegando ao Pós do Centro de Matemática e Física a verba de 3 milhões da FINEP que será aplicada em ampliação do material didático científico. A diretoria estuda o pedido feito pela comissão alunos professores para o aumento de matérias optativas: em 1980 haverá novidades. Na coordenação de PFTHC contamos com Prof. Elsa Oliveira Dias que promove palestras sobre Desenvolvimento Brasileiro para refletir o papel da Ciência e Tecnologia e promover a abertura de um caráter interdisciplinar no Centro. A rádio já foi batizada e recebe o nome de Sistema Integrado de Som (SIS), já está com programação experimental de programas noticiários e FM.

COMUNITÁRIAS

A COMISSÃO PARA ASSUNTOS COMUNITÁRIOS (Campus Mt. Alegre reúne 7 representantes - um por Faculdade - um representante do Pós, da APROPUC, 3 de AFAPUC, um do DCE e de cada CA. Pretendem implantar atividades que vão de encontro às necessidades, que integrem a comunidade/PUC e esta com o ambiente. Dão continuidade ao levantamento feito em dezembro/78. Há 3 subcomissões que cuidam das prioridades (curso de alfabetização, ambulatório de 1ºs socorros, dinamização do setor de bolsas, cooperativa de consumo, lanchonete no 5º andar), das melhorias (restaurante, pontos de ônibus, assistência médica); de atividades para integração (no TUCA e esportes).

NOSSAS NECESSIDADES Em dezembro/78 fez-se amplo questionário sobre o que os 3 setores da PUC apontam como necessidade. A tabulação terminou em meados do 1º semestre. Os funcionários apontam Ambulatório, Curso de Alfabetização, Cooperativa e Local de Convivência como maiores necessidades; o restaurante e a vigilância necessitam de imediatas providências; sugerem atividades culturais, religiosas, artísticas. Maiores necessidades, dos professores são Comissão de bolsas-de-estudo, local de convivência e atendimento aos alunos; o restaurante, o estacionamento e serviço gratuito necessitam providências, sugerem atividades culturais, artísticas, esportivas. Os alunos querem locais para serem atendidos pelos professores, bolsas-de-estudos, lanchonete, exigem providências para restaurante, estacionamento e tesouraria; atividades culturais, esportivas, artísticas são sugeridas. Procurar os professores Marcos (r. 321), Gandolpho (r. 221) ou Castelo (r. 260).

«Agradeço a S. Judas Tadeu uma graça recebida».

(Mª Terezinha de M. César.)

CARTAS

1- Prof. Jorge Claudio
Paz! Recebo Porandubas com muito prazer. Vocês estão de parabéns! Em conversas e publicações, passo avante muitas informações e dados que vou colhendo no jornal. Com saudações, abraço do Angélico (Bispo Auxiliar-SP)

2- Prof. Jorge Claudio
Vimos oficializar nossos protestos face a edição nº 23 ano III do Porandubas, tendo em vista que os artigos mandados para veiculação informações acerca da Semana do Centro de Ciências Humanas e de Educação foram cortados, o suficiente para adular-lhes o sentido. Pedimos, outrossim, que nosso protesto seja publicado no próximo Porandubas. Atenciosamente, Samira Chalhub (pela Comissão da Semana).

PORANDUBAS

R. Mont. Alegre, 984
tel: 263-0211 r. 227
Editor: Jorge Claudio Ribeiro
Secretário: Roberto Barreiro F.
Diagramador: Argeu Godoy
Composição: O Estado de S. Paulo
Impressão: Editora AFA
Tiragem: 11 mil exemplares



CENTRO TECNICO DE COPIAS

Xerox

1,50

xerox - off-set - heliografias - apostilas - teses - cópias em geral

Rua Bartira 409
ao lado da PUC
Tel: 2628-870 - 62-2329